

UM DIA TAMBÉM NÓS DEVEREMOS DIZER "ADEUS"

O Papa Francisco convidou a refletir sobre o sentido cristão da despedida, o momento em que dizer 'até logo' significa 'adeus'.

Em homilia da Missa celebrada na capela da Casa Santa Marta, centralizada nas palavras de Jesus antes da Paixão e na despedida de Paulo antes de ir a Jerusalém, o Papa Francisco convidou a confiar a Deus a nossa despedida. Ele também recordou as vítimas de perseguições que são obrigadas a fugir, como os rohingya de Mianmar ou os cristãos e iezites no Iraque.

Como recorda o Santo Padre, Jesus diz adeus para ir ao encontro do Pai e enviar o Espírito Santo. São Paulo se despede antes de ir a Jerusalém e chora com os anciãos de Éfeso. Ele se referiu às leituras do dia para desenvolver sua homilia sobre o que significa "dizer adeus" para um cristão.

"Jesus se despede, Paulo se despede - disse Francisco - e isso nos ajudará a refletir sobre nossas despedidas". Na nossa vida, "existem tantas despedidas", pequenas e grandes, e há também "tanto sofrimento e lágrimas".

Por isso, o Papa convidou também a pensar "naqueles pobres de etnia rohingya de Mianmar. No momento de deixar suas terras para fugir das perseguições, não sabiam o que lhes aconteceria. E há meses estão numa embarcação..., chegam a uma cidade, onde lhes dão água e alimentos, e dizem: 'vão embora daqui'. É uma despedida. Aliás, hoje acontece esta grande despedida existencial. Pensem na despedida dos cristãos e dos iezites (minoria iraquiana, ndr), que acreditam não poder voltar mais para sua terra, porque



foram expulsos de casa. Hoje".

Ele destacou ainda que existem pequenas e grandes despedidas na vida, como a "despedida da mãe, que saúda, dá um último abraço ao filho que parte para a guerra; e todos os dias se levanta com medo de que alguém lhe diga: 'agradecemos muito pela generosidade de seu filho, que deu a vida pela pátria'. E há também a "última despedida - disse - que todos nós devemos fazer, quando o Senhor nos chama para o outro lado. Eu penso nisto".

O Pontífice continuou afirmando que estas grandes despedidas da vida, "inclusive a última, não são as despedidas como 'até logo', 'até breve',

que são as despedidas que indicam um regresso imediato ou depois de uma semana: são despedidas que não se sabe quando e como voltar".

Aliás, o Santo Padre fez notar que o tema do adeus também está presente na arte e na música. Ele recordou a canção dos alpinos, "quando o capitão se despede dos seus soldados: o testamento do capitão. Eu penso na grande despedida, na minha grande despedida, não quando digo, 'até depois', 'até mais tarde', 'até breve', mas 'adeus'. Mais uma vez referindo-se às leituras, Francisco lembrou que ambos os textos usam a palavra 'adeus'. Paulo confia a Deus os seus companheiros e Jesus confia

ao Pai os seus discípulos, que permanecem no mundo. Assim, Francisco explicou que "confiar ao Pai, confiar a Deus: esta é a origem da palavra 'adeus'".

O Papa observou que, com estes dois ícones -o de Paulo chorando ajoelhado na praia, e Jesus triste, porque ia para a Paixão, chorando no seu coração- "podemos pensar na nossa despedida. Vai nos fazer bem. Quem será a pessoa que vai fechar os meus olhos? O que eu deixo?".

Nestas passagens, tanto Jesus quanto Paulo fazem uma espécie de exame de consciência. Então, o Papa reiterou que "nos faz bem nos imaginarmos naquele momento. Quando será, não sabemos, mas haverá o momento no qual 'até depois', 'até breve', 'até amanhã', 'até mais' vai se tornar 'adeus'". Por isso, lançou mais algumas perguntas: "Estou preparado para confiar a Deus todos os meus entes queridos? Para confiar-me a Deus? Para dizer aquela palavra que é a palavra da entrega do filho ao Pai?".

O Papa concluiu a sua homilia aconselhando todos a lerem as leituras sobre a despedida de Jesus e de Paulo e a "pensar que um dia" também nós deveremos dizer a palavra "adeus": "A Deus confio a minha alma; a Deus confio a minha história; a Deus confio os meus entes queridos; a Deus confio tudo". "Que Jesus morto e ressuscitado - foi a sua invocação final - envie-nos o Espírito Santo, para que aprendamos a palavra, aprendamos a dizê-la, existencialmente, com toda a força: a última palavra, adeus".

Rádío Vaticano
Adaptado por Zenit

Confira nesta edição:

UM GRITO DE ESPERANÇA



Pág 13

FRANCISCO: UMA OUTRA IGREJA PÁG 04

NEM ATEIA NEM DEVOTA PÁG 05

FRANCISCO, HOMEM UNIVERSAL PÁG 07

UM BILHÃO DE PESSOAS POBRES PÁG 09

ACORDE PARA VENCER PÁG 10

CELIBATO: "SAMBA" OU "MITO" PÁG 12

O FUTURO DO PLANETA PÁG 15

CUIDAR DA MÃE TERRA PÁG 15

Editorial

Mui prezados leitores e leitoras de nosso jornal Rumos.

Mais uma edição chega às suas mãos, a 242ª. Acredito que lhes será útil e interessante. E peço, aguardo seus comentários para melhorar cada vez mais.

Estamos chegando ao mês de outubro em que comemoramos, nódia 12, nossa Padroeira, a Senhora Aparecida. Que ela continue velando por nós, por nossa Igreja, pelo nosso Brasil na sua grande crise financeira, política e administrativa. Nossa República, comemorada dia 15, volte a trilhar por caminhos de honestidade, retidão, justiça e amor.

Em novembro recordamos, dia primeiro, nossos antepassados no dia de todos os Santos, entre os quais sem dúvida eles se encontram. Comungamos com eles na comunhão dos Santos.

Também chegamos, no dia 2, aos finados. Com saudades os recordamos, sabedores que eles continuam junto de Deus, aguardando-nos.

Pelo menos daqui a 100 anos estaremos todos no lado de lá... Lembramos este evento com 2 artigos nesta edição, um deles na capa.

Como já comuniquei na edição anterior, nossa diretoria da Associação Rumos – AR – aguarda a atualização de pagamento da anuidade dos assinantes do jornal impresso ou de sócios da AR. Praticamente a metade dos que estão recebendo o jornal impresso está com sua anuidade vencida! Contamos com sua compreensão e boa vontade de.

No mais, amigos e amigas, Deus nos abençoe.

Giba editor

gilgon@terra.com.br



VIAGEM, SÍNODO, JUBILEU: EM TRÊS MESES, TRÊS ETAPAS FUNDAMENTAIS DO PONTIFICADO

“De setembro a dezembro: em três meses, Francisco vai jogar os jogos fundamentais do seu pontificado.” Da viagem a Cuba e aos Estados Unidos, ao Sínodo Ordinário sobre a família, da visita à África negra à abertura do Jubileu da Misericórdia.

“O pontífice quis enquadrar a sua missão nos EUA e na ONU entre duas viagens dedicadas aos indígenas sul-americanos e africanos”, explica ao Vatican Insider o diretor da Fundação para as Ciências Religiosas João XXIII, de Bolonha.

Entrevista com Alberto Melloni

De três países pobres da América Latina (Equador, Bolívia, Paraguai) às áreas mais difíceis do continente negro, passando pela visita a Cuba e aos EUA. Que sentido você identifica nessa “geopolítica das viagens”?

Colocada entre duas visitas aos pobres na América do Sul e na África, a viagem aos Estados Unidos não corre o risco de parecer como uma corrida de corte na iminência das eleições presidenciais com um projeto político. Os discursos sobre as injustiças sociais proferidos na América Latina são tão fortes que esclarecem qual é a visão do papa sobre o tabuleiro internacional. Além disso, a sua resposta no avião sobre o crucifixo dado pelo presidente boliviano Morales é muito importante do ponto de vista do conteúdo doutrinário. Para Francisco, não é um problema o recurso ao marxismo por parte da Teologia da Libertação.

O que um sentido das viagens ao do Sínodo sobre a família?

As viagens sempre têm um resultado extremamente positivo, porque Francisco tem uma personalidade magnética e de forte aderência. O que está em jogo no Sínodo, no entanto, é totalmente diferente e representa uma ruptura enorme em comparação com o que aconteceu até a sua eleição. Bergoglio atinou um mecanismo

sinodal que nunca tinha funcionado. Uma transformação que ainda não foi completada, mas o papa já obteve uma vitória indiscutível, porque, finalmente, no Sínodo, confrontam-se posições diferentes e há uma discussão de verdade. Na ideia de Francisco, não existe uma ruptura entre duas Igrejas diferentes. Para ele, a Igreja é uma só, e o Sínodo é o lugar em que se confrontam as diversas sensibilidades e podem se confrontar posições distantes entre si.

O que você prevê?

A chamada oposição dos conservadores defendia que não havia nada a discutir no Sínodo, mas só aderir a posições imutáveis. Um ponto que hoje está totalmente superado. No Sínodo, de fato, podem-se abordar livremente as questões sobre a família. E isso representa um evidente sucesso para o papa.

Em que o Ano Santo extraordinário dedicado à misericórdia é inovador?

Se a justiça é uma alternativa à misericórdia, então não é a justiça cristã. Por isso, Francisco derruba aquela que foi durante séculos a doutrina das indulgências. Na bula de proclamação do Jubileu, o pontífice se refere à indulgência de Deus. Administrá-la não é mais prerrogativa do papa e da Igreja. O caminho vai de todos em direção a todos.

Gia Galeazzi - IHU



Carta do Presidente aos leitores

Olá amigos, saúde e paz!

É com alegria que nossa equipe de sacerdotes casados compartilha mais uma edição do Jornal Rumos, levando a todos conteúdos diversos sobre a vida eclesial, situações atuais, experiências de vida e muitas reflexões que certamente irão contribuir para a evolução intelectual do nosso público em geral.

Queremos ressaltar algumas datas comemorativas que se aproximam, em especial o dia consagrado à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil e que cheia de graça possa abençoar todas as nossas crianças, que sempre serão consideradas o futuro da nossa nação. Desejamos que as nossas orações e ações possam se estender a todos os irmãos refugiados que saem das suas terras, perdidos e dispersos num mundo cruel e divididos por fronteiras da arrogância e pelo poder opressor de exclusões sociais e étnicas.

Aproveite o momento para me solidarizar com todas as famílias de padres casados que perderam recentemente seus entes queridos; que, ao celebrarmos o dia dos que já partiram, possamos lembrar que so-

mos mortais, que da vida não levamos nada, e eis o motivo de fazermos a diferença nas pequenas coisas. Entrego na mão de Deus todos os falecidos do terremoto ocorrido no Chile. Que Jesus, rico de compaixão e espelhado na prática das pessoas de bom coração, possa amparar e acalmar todo o sofrimento humano.

Desejo sucesso ao encontro internacional da comissão internacional de Padres casados que ocorrerá em Madrid, Espanha, nos dias 29/10 a 02/11, e que fico honrado em poder participar juntamente com o casal João Tavares e Sofia. Que as luzes do Espírito Santo nos conduzam na paz e que o encontro possa gerar bons frutos para o crescimento de todos nós. Amém!

José Edson
Presidente do MFPC/AR



ENCONTRO LOCAL DO GRUPO DO MFPC/BRASÍLIA

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DO XXI ENCONTRO NACIONAL MFPC

No último domingo, dia 30/08/2015, na casa do casal coordenador local, o grupo do MFPC/Brasília se reuniu para mais um encontro mensal. Iniciamos a reunião, como de costume, com um saudoso bate-papo acompanhado de petisco e aperitivos, seguido de um delicioso almoço comunitário.

Após o almoço, procedemos com a leitura do Evangelho e algumas reflexões sobre o texto lido. Em seguida apresentei algumas informações sobre o Encontro Nacional do Movimento das Famílias dos Padres Casados, a ser realizado de 18 a 22 de janeiro de 2017. Dei ciência a todos que, o local do Encontro já está reservado, que será no Instituto Israel Píneira, local bonito e agradável para eventos, um dos melhores de Brasília.

Comuniquei aos presentes que o valor das diárias ficou em R\$ 125,00 por pessoa, incluso café da manhã, almoço, lanche da tarde, e jantar. Considerando 04 (quatro) diárias, o encontro ficará por R\$ 500,00 por pessoa, R\$1.000,00 por casal.

As crianças de 0 a 07 anos não pagam, e as de 08 a 12 anos, acomodadas nos apartamentos dos pais, pagarão 62,50 por diária, também com as refeições incluídas.

O Instituto oferecerá, sem ônus para o Movimento, o auditório, o datashow e a capela para as celebrações.

Colhemos também algumas sugestões de tema para o encontro, bem como nome de possíveis palestrantes.

Já temos sete (07) casais com reserva para o encontro.



Casal coordenador: Aila e Antonio

ATENÇÃO RECEBEDORES DO JORNAL IMPRESSO

Vejam a DATA da renovação da anuidade.

Ela consta na 2ª linha do ENDEREÇO colado na capa externa do jornal.

Solicito aos recebedores onde consta ANUIDADE VENCIDA que efetuem o pagamento, ao tesoureiro Enoch, o quanto antes. Na pág. 2, em EXPEDIENTE, consta como fazer.

50,00 pela simples anuidade, ou 150,00 como sócios da AR.

Quem não quiser mais, favor me avisar (e-mail gilgon@terra.com.br ou fone 47-99835537).

Giba editor

Expediente

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.

Diretoria Executiva da Associação Rumos:
bienio 2015/2017

Presidente: José Edson da Silva
Vice-Presidente: José Colaço Martins Dourado
1º. Secretário: José Carlos P. S. de Andrade
2º. Secretário: Rosa Silvério P. de Andrade
1º. Tesoureiro: Enoch Brasil de Matos Neto
2º. Tesoureiro: Maria de Fátima Lima Brasil

Organismos de Apoio da AR e Conselho Gestor do Movimento de Padres Casados e suas Famílias:

Presidente da AR - José Edson da Silva
Coordenadores do XXI Encontro Nacional: Equipe de Brasília
Moderador do e-grupo padrecasados: João Correia Tavares
Coordenadores do site www.padrecasados.org: João Correia Tavares e Antonio Evangelista, com a ajuda estética e técnica de Giba e seu filho Marco Gonzaga

Coordenadores do Grupo dos jovens: José E. Rolim Mota e Rejane
Novo e-mail do MFPC: mfpcrumos@gmail.com
E-mail para enviar matérias para o site: tavaresj@elo.com.br

Representante internacional:
João Correa Tavares e Sofia

Coordenador da comissão de teologia:
Francisco Salatiel A. Barbosa

Assessor Jurídico e Curador do Patrimônio da AR:
Antônio Evangelista Andrade

Assessores bíblico-teológicos:
Eduardo Hoornaert e Geraldo Frencken

Obs. - As respectivas esposas estão incluídas nas funções acima.

Conselho Fiscal da AR: Ana Cristina Rolim Mota Hancy, Everaldo Bezerra Fialho, Luciano Furtado Sampaio. Suplentes: Carlos Nikolai Araujo Homcy e Ester Rolim Mota

JORNAL RUMOS:
Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga
Assessoria: Antônio Müller
Diagramação: Rodrigo Maierhofer Macedo
Jornalista Responsável: Mauro Queiroz (MTB 15025)

Correspondência: artigos, comunicações, artigos, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Porto Belo SC, fone 47-9983-5537
Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual do Jornal Rumos: R\$ 50,00 (cinquenta reais)

Pagamento pelo Agência: Banco do Brasil 3515-7 Conta Corrente: 13786-3

CNPJ: 02.618.544/0001-47 (Necessário quando enviado de outro Banco)

Comunique imediatamente ao nosso tesoureiro Enoch Brasil de Matos Neto por e-mail enochbrasil@yahoo.com.br, ou telefone 85-32468126 - 85-89554114, ou pelo endereço: Rua Dr. Periguarí 161/105 Bairro: Antônio Bezerra - 60360-600 - Fortaleza - CE

Associação Rumos: Anuidade de sócio - 150,00 (138,00 + 12,00 para Fundo de mútua ajuda); Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no Agência: Banco do Brasil 3515-7 Conta Corrente: 13786-3

Terminei de ler o Rumos. Super legal... Apareceu até o Pe. Germano na missa que participamos em Santa Helena PR, no Encontro nacional de Motor Homes, em março. Foste rápido...

Renato Enzweiler
renato@enzweiler.com.br

Gil, parabéns! Gostei muito do jornal. Obrigado pelo seu empenho em prol de nossa causa.

Que Deus continue abençoando seu trabalho.

Carlos César Pereira Souza e Liane – Goiânia

pecarlos@gmail.com

Parabéns, Gilberto, pela montagem e edição desse veículo de comunicação tão interessante e variado. Achei muito instrutivo, assim como os demais números editados.

Admiro muito a tua disposição e dinamismo. Vai em frente!

Maria Olivia Brito Ramos
moliviaramos@yahoo.com.br

Olá Pe. Giba, graça, paz, saúde e bem. Obrigado pelo envio do Rumos. Está muito bom. Grande abraço.

Campos de Sousa
camposdesousa@live.com.pt

Vou ler o Jornal Rumos 241.

Talvez eu entre para a lista dos Padres Casados.

Também sou jornalista e talvez eu possa ser um colaborador do RUMOS; minha especialidade é REVISOR de textos.

Quer que eu mande meu currículo?

Máikol, Curitiba-PR
lmaikol@uol.com.br

Olá Gilberto, paz e bem para você e família. Recebi, sim, o “nosso” Jornal Rumos. Li-o de uma só sentada. Está excelente. Aliás, isto não é novidade, pois as edições anteriores também são ótimas.

Felicito-o pela arte de fazer tão bem feito, pelo carinho com que você cuida de preparar e botar o jornal para circular e, principalmente, por sua dedicação em fazer esse serviço já há tanto tempo... gratuitamente, só pelo amor e o ideal de servir à causa dos Padres Casados.

Parabéns e obrigado pelo bem que você faz não só à nossa classe dos Padres Casados e nossas Famílias, mas a todos que recebem o jornal. Deus abençoe a você e família.

Mais uma vez parabeno-o pelo idealismo com que você faz este magnífico trabalho de editar o Jornal Rumos. Acho fantástico fazer isto com a maestria como o faz, quando tantos, na sua idade, já teriam se acomodado e “pendurado as chuteiras”.

Paulo Jorge Lúcio
pepaulolucio@yahoo.com.br

Caro amigo Gilberto: adorei e saboreei mais este número de Rumos.

Transferi hoje, dois de julho, a quantia de 201,00 reais para a Associação Rumos.

Mais uma vez, lhe expresso meus agradecimentos pela remessa do Jornal e parabeno pela ótima seleção dos artigos. Um abraço.

Padre Pedro Terra Filho
pedrocamilotelles@gmail.com

Gilberto, o “Rumos” continua ótimo. A página do leitor o confirma.

Padre Ney Brasil Pereira
ney.brasil@itesc.org.br

Admiro-o profundamente pelo seu profetismo.

É assim que “o mundo pula e avança” conforme a letra de uma canção bem famosa!

Nós “fugimos a 7 pés” dos mass media!!!

Um abraço fraterno da Direção e seus colaboradores,

Urtélia
secretariado.fraternitas@gmail.com

Prezado Giba, muito obrigado pelo jornal.

Apoio o movimento e rezo por seu êxito.

Desagradavelmente não posso contribuir.

Agradeço todo o material que vocês enviaram, e lhes desejo o maior sucesso.

Geraldo Rosania
geraldorosania@ig.com.br

Mano, VIVA!

Já deve conhecer as piadas que lhe envio! Se houver alguma que aproveite para o Jornal (de que gosto tanto, mas não tenho dito nada!) já valeu alguma coisa. Sou uma ingrata! Um chi.

Urtélia Silva
urteliasilva@hotmail.com

Eu Giba e minha esposa Aglêsia em julho visitamos, em Bento Gonçalves RS, meu colega de ordenação Padre Júlio Giordani. Continua ativo no clero apesar de seus 84 anos, e participou do XX Encontro do MFPC em janeiro passado.

Visitamos, também, a casa dos padres idosos e doentes da Diocese em Caxias do Sul RS. Casa muito bem equipada e até luxuosa, abrigando atualmente 7 padres.

Um deles é padre Mariano, na foto anexa conosco, quem sempre nos envia notícias e fotos.

Padre Mariano, você enviou 200,00 para novos assinantes. Mande-me o nome e endereço deles.



Giba (Gilberto) e Aglêsia
gilgon@terra.com.br

Tenho acompanhado o jornal RUMOS, Carta aberta...

Minha pergunta é: Um Presbítero que deixou o Ministério para se casar, se casado validamente, pode exercer o Diaconato, como Diácono Permanente Casado?

Máikol, Curitiba-PR
lmaikol@uol.com.br

RESPOSTA: legalmente pode, mas não conheço nenhum presbítero casado que se sujeitou a ser meramente diácono. Giba.

Prezado Gilberto: Gilberto com carinho é cognominado de Giba no MFPC.

Envio felicitações como o Grande Editor do Jornal RUMOS, nº 241, Ano 33, que divulga os novos rumos dos Padres Católicos Casados.

A Ecologia Global da Encíclica “Salvato Si” do Papa Francisco faça reviver a Teologia de uma Nova Criação na Fé, Esperança e Amor num ambiente terrestre e canônico da Igreja com a inclusão dos marginalizados.

IN CORDE JESU - Abraços fraternos em Cristo,

Clovis Antunes C. Albuquerque
MFPC - RECIFE
c_antunes30@hotmail.com

Caro Gilberto, atendendo à solicitação feita através do Jornal, segue o comprovante da assinatura 2015.

Rumos não pode acabar para os que não acompanham a tecnologia moderna (internet).

Parabéns a todos pelas reportagens. Abraço fraterno.

Odna Werneck Rezende

Oi, Giba, já enviei a maioria: MFPC, Bispos, colegas da América Latina, Portugal e Europa, vários leigos, etc. Mais de 1500 pessoas. Sobraram Padres e Freiras, que vou enviar amanhã.

Parabéns por mais este filho gordinho, saudável, rico e bonito...

Abraço para ti e Aglêsia

João Tavares
tavaresj@elo.com.br

Boa tarde, Giba. Estou em viagem de trabalho no Oeste do Estado. Volto domingo.

Vou ler com atenção e dar retorno.

Gostaria de agendar outra visita inclusiva para fazer a assinatura do Jornal e minha adesão na Associação RUMOS. Um Caon

pe.caon@gmail.com

Obrigado, Giba. Parabéns!

Félix Filho

abraço

Padre Luis Antônio
fjbfilho@gmail.com

Preliminarmente quero parabenizá-lo pelo artigo AS HARMONIAS DO PAI NOSSO (jornal rumos, 241).

Quanto ao artigo “Coisas Incongruentes”, contido na mesma edição do jornal Rumos, sem querer polemizar, sugiro que leiam a Constituição Pastoral GAUDIUM ET SPES, cap. III, o qual trata da Vida Econômica e Social (Participação nas Empresas, no Conjunto da Economia e Conflitos no Trabalho), principalmente no tocante aos números 428 e 429.

Finalizo enviando-lhe saudações fraternas.

João Carlos Souza Martins (Canhoto)
jcanhoto22@gmail.com

GIGI E AGLE caríssimos. Obrigado pelo Rumos 241. Recebi ontem. Já devo-rei!!!

Aqui em Bento Gonçalves. Muitas flores... Que Beleza! ‘Louvado seja’ diz FRANCISCO... Abraço.

Júlio Giordani
padrejulio2@gmail.com

Stollegendoiltuogiornale. Penso che sia fatto molto bene e ci sono articoli molto interessanti dei quali ti parlerò tra qualche giorno.

Gianandrea Elti di Rodeano
gaelti@yahoo.it

Giba, bom dia! Estou, ainda, lendo o jornal. Gostei muitos das temáticas.

Quero, na frente, participar com outro texto.

No mais, sucessos!!!

Padre Celso Kallarrari
celsokallarrari@terra.com.br

Estimado amigo: prefiero escribir en castellano pero conozco su idioma desde mis estudios con un profesor brasileño en la Universidad de Asunción... Ya pasaron los años...

Pero sigo como sacerdote luchando por Cristo... ese Cristo tan marginado por siglos por nuestra jerarquía... pero siempre con mi misma fe en el ministerio especial de discípulo de Cristo.

Por eso los admiro a ustedes que “superaron con éxito el problema temporal del celibato... y lo predicaron con el ejemplo al mandato del Señor: a base de la libertad... característica de toda la misión redentora del evangelio.

Discúlpeme que a mi edad, 92 años, no puedairmiallía a darlesun efusivo abrazoen-Cristo, que de corazónlesenvío.

Padre Aguirre
padreaguirre@arnwt.com.ar

Caro amigo Gilberto, primeiramente obrigado pela hospedagem.

Por mais que a gente cuide sempre podem passar alguns erros.

Realmente o Rumos 241 ficou muito bonito e o conteúdo, acredito, também vai agradar.

Um grande abraço dos amigos:

Antônio e Isabel Müller
mulleramisa@gmail.com

Obrigado, amigo Giba. O sacerdócio que um dia recebemos, não o recebemos para nós, mas para, apesar de nossa fragilidade e limitações, levar adiante a Missão de pregar o Evangelho no mundo. Infelizmente, por termos optado pelo casamento como meio de realização pessoal, fomos excluídos do número dos “eleitos”... Lamento que a Igreja se dê ao luxo de dispensar “mão de obra” especializada que ela mesma preparou, em nome de uma “disciplina” obsoleta e retrógrada. Enfim, a Igreja não é minha e nem sua, mas do Senhor e Ele proverá! Um abraço.

José Lino
joselinodearaujo@gmail.com

Associação Rumos
Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

www.padrescasados.org

FRANCISCO: UMA OUTRA IGREJA

1-Na recente visita do Papa Francisco à América Latina, foi marcante, para dizer ao que vem este pontificado, o discurso no encerramento do II Encontro Mundial dos Movimentos Populares. Continuou a reclamar “os três T”: terra, teto, trabalho. “Disse e repito: são um direito sagrado.” E que estava a falar não apenas de problemas da América Latina, mas de toda a humanidade: “Está-se a castigar a Terra, os povos, as pessoas, de um modo quase selvagem.” É preciso “dizer não a uma economia de exclusão e iniquidade”, assegurando que “o problema é um sistema que continua a negar a milhares de milhões de irmãos os mais elementares direitos económicos, sociais e culturais” e que este sistema “atenta contra o projeto de Jesus”, já que o destino universal dos bens não é um adorno da doutrina social da Igreja, mas uma realidade anterior à propriedade privada. Arremeteu contra o “novo colonialismo que se esconde por trás do poder económico do idolo dinheiro”, lembrando que “a concentração monopólicia dos meios de comunicação social, que pretende impor comportamentos alienantes de consumo e certa uniformidade cultural, é outra das formas que o novo colonialismo adota. É o colonialismo ideológico”. Sublinhou que o Papa e a Igreja não têm “uma receita para solucionar os graves problemas deste mundo”, mas apresentou três tarefas urgentes: colocar a economia ao serviço dos povos, uni-los nos caminhos da justiça e da paz, salvar a mãe Terra. E terminou, pedindo: “Nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum ancião sem uma velhice veneranda.”

De regresso a Roma, já no avião, sublinhou que, quando diz que “esta economia mata”, apenas prega o Evangelho e a doutrina social da Igreja. Sim, ouviu dizer



que há críticas, nomeadamente nos Estados Unidos, a visitar em Setembro. Grupos conservadores dizem que é “o homem mais perigoso do planeta”. E ele: “Devo começar a estudar estas críticas.”

2-No Encontro, grupos de católicos, encabeçados pelo grupo Igreja - Povo de Deus - em Movimento (IPDM), entregaram uma carta com uma série de questões para uma Igreja diferente. Inspiro-me nesse conjunto de propostas.

Constatam o “indiferentismo do clero” e perguntam: há na Igreja uma real assunção do espírito de Francisco? Há empenho em fazer do Evangelho da Alegria “um referencial das práticas pastorais” ou predomina o silêncio, o desinteresse, a instalação no sossego mortal da comodidade?

É preciso garantir a participação dos padres e de leigos na nomeação dos bispos. Aliás, o problema, de modo mais genérico, é da democracia na Igreja. Não vem de Jesus e do cristianismo a ideia de liberdade, de igualdade, de fraternidade? Como é que

a Igreja pode pregar e exigir aos outros o que não pratica dentro dela: a doutrina dos direitos humanos? Urge pensar no que o BensergerKreis, um prestigiado grupo de leigos católicos alemães, disse já em 1970: “O ponto nevrálgico da crise do desenvolvimento da Igreja Católica no momento atual consiste em que no âmbito eclesial não estão em vigor os princípios da democracia moderna.” O que é de todos tem de ser participado e decidido por todos.

Os seminários. “Constatamos expressivo número de seminaristas enamorados da sua carreira eclesial, como se percebe nas suas falas, nas suas vestes clericais ultrapassadas, no seu alinhamento com presbíteros carreiristas e amantes do dinheiro e no seu empenhamento mediocre nos estudos filosóficos e teológicos.” Sugerem, pois, uma mudança radical nos seminários, a substituir pela experiência de “casas de formação” ligadas a paróquias, sob a responsabilidade de párocos sérios. E lamentam o “número significativo de se-

minaristas que querem, como seu horizonte eclesial, ser bispos”. Na atual situação da formação dos futuros padres, não há o perigo de desenraizamento da vida real, de instalação cômoda, de alienação, numa existência fácil e idealizada?

Pede-se compreensão para a integração plena na vida da Igreja, incluindo a comunhão sacramental, dos recasados e dos homossexuais.

Impõe-se repensar a lei do celibato obrigatório. Aqui, pergunto eu: pode a Igreja impor como lei o que Jesus entregou à liberdade? O celibato enquanto lei não será contra a natureza humana?(1) Já se pensou suficientemente na miséria humana, afetiva e moral, a que esta lei pode levar? Não poderá Francisco permitir a ordenação de homens casados “provados” e reintegrar padres que tiveram de abandonar o exercício do sacerdócio para se casar?

Os leigos têm de ver reconhecidos os seus direitos na Igreja. Aqui, também sou eu que digo: ao nível institucional, a Igreja tem pela frente duas tarefas urgentes: a da democracia e a do reconhecimento da igualdade das mulheres.

ANSELMO BORGES

(1) Nota da redação:

Nesse sentido, a crítica mais contundente surge na tese romaneada do prof. Antônio Müller. No livro “Paixões em Laços de Sangue II” (Uma discussão sobre o celibato e outras questões da Igreja), Müller defende, com sólida argumentação, que a obrigatoriedade do celibato contraria os direitos fundamentais da pessoa humana.

Por um equívoco no envio do arquivo para a diagramação e dali para a gráfica, a edição de 2014 saiu com muitos erros e termos inadequados. Em setembro de 2015, o livro foi relançado e em breve estará nas livrarias. Quem comprou o livro com erros, pode reclamar o livro correto e mais completo, com o autor, sem nenhum custo.

EDUCAR PARA A FELICIDADE

O que as pessoas mais buscam na vida? O velho Aristóteles foi o primeiro a dar a resposta: a felicidade, mesmo ao praticarem o mal. A busca da felicidade nasce do desejo, e o desejo deveria estar canalizado para o Absoluto. Mas a cultura consumista que respiramos nos induz a canalizá-lo para o absurdo e não para o Absoluto. Impingemo-nos a falsa ideia de que a felicidade resulta da soma de prazeres - se tomar esta bebida, vestir esta roupa, usar este perfume, possuir este carro, fazer esta viagem, seremos felizes como atores e atrizes da peça publicitária, que exalam exuberante felicidade... Graças a Deus o mercado não consegue oferecer um produto chamado felicidade. É impossível saciar o desejo estimulado pela publicidade e, ainda que pudéssemos comprar todas aquelas ofertas, não seríamos necessariamente felizes. Isso gera enorme buraco no coração. E onde parcela da juventude tenta preencher esse buraco? Na droga. A droga é a consequência óbvia de uma sociedade que mercantiliza a felicidade e incute nas pessoas a falsa ideia de que ela reside na posse de bens materiais e em situações que exaltam a individualidade, como fama, beleza, poder e riqueza.

Quem não alcançar tais ícones, será o mais infeliz ou desgraçado dos mortais. A felicidade é um estado de espírito. Não costumamos ser educados para alcançar esse estado de espírito, e sim para ser consumistas. São dois elementos antagônicos, conflitantes. Onde, então, encontrar a felicidade? Nos aditivos químicos? Dão, momentaneamente, bem-estar de consciência. Embora não seja durável, é melhor do que se deparar no espelho com esse ser execrável, incapaz de ser feliz, de estabelecer relações com pessoas, natureza, Deus e consigo mesmo. Ora, a escola tem que colocar, como finalidade, formar pessoas felizes, e não mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. Cabe à escola interagir com o contexto em que vivemos. Uma grande empresa multinacional, de auditoria financeira, abriu em São Paulo 20 vagas para economistas com menos de 35 anos de idade. Apareceram 200 candidatos. Houve uma primeira seleção; sobram 100. Ao entrar na sala, às 8h da manhã, o instrutor disse: “Bem-vindos vocês que passaram na primeira seleção, vamos agora à segunda. Antes de iniciarmos os testes, por favor, fiquem de pé todos aqueles que, hoje de manhã, não vivem, ou-



viram ou leram noticiário no rádio, na TV, nos jornais ou na internet”. Mais da metade ficou de pé. “Muito obrigado. Os senhores e as senhoras podem ir embora”, disse o instrutor. “Mas por quê?”, reagiram alguns. “Não interessa à nossa empresa profissionais indiferentes ao que ocorre no Brasil e

no mundo, desconectados da realidade”. O papel da educação é conectar educandos e educadores com a realidade, e imprimir às suas vidas o sentido de transformá-las para criar as bases da civilização do amor e da justiça.

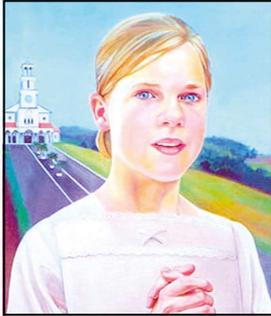
Frei Betto



BEATA ALBERTINA BERKEMBROCK

Albertina Berkenbrock testemunhou a ousadia da santidade preferindo o martírio a desagradar a Deus

“A nós, a quem não será dado provavelmente o martírio de sangue, mas certamente o da perseverança na fidelidade cristã, fica o exemplo da virtude cristã da Beata Albertina, da sua força e da sua radicalidade”, afirmou o Cardeal José Saraiva Martins na cerimônia de beatificação da jovem, que nasceu no povoado de São Luís, município



de Imaruí em Santa Catarina no dia 11 de abril de 1919.

Filha dos agricultores alemães Henrique Berkenbrock e Josefa Henning, a jovem desde cedo foi educada no conhecimento e vivência da fé, da oração e dos fundamentos da Igreja Católica. Foi logo introduzida no mistério da vida cristã pelos sacramentos do Batismo, Primeira Comunhão e Crisma. Sempre muito dedicada, a jovem ajudava os pais nos trabalhos da roça e sempre se mostrava resignada frente aos insultos dos seus irmãos. Era muito querida pelas amigas e na escola destacava-se pelo aprimoramento rápido do conhecimento ao catecismo e mandamentos. Dividia com suas colegas mais pobres o alimento que trazia de casa e era muito elogiada por sua modéstia. A beleza da jovem era uma característica acentuada.

No dia 15 de junho de 1931, Albertina foi, a pedido dos pais,

à procura de um boi que havia se desgarrado. Ao caminhar certa distância, encontrou Indalício, que lhe indicou o caminho errado do boi e seguiu a jovem com intenção de molestá-la. Quando a jovem foi surpreendida, resistiu ao assédio e lutou bravamente contra o agressor. Devido à sua estatura física, Albertina conseguiu derrubar o assassino que, para vingar-se da resistência da jovem, agarrou-a pelos cabelos e a degolou com um golpe de canivete.

“Albertina foi uma menina que ousou ser santa”, disse Dom Jacinto Bergmann, bispo da diocese de Tubarão durante a cerimônia de beatificação de Albertina, que aconteceu no dia 20 de outubro de 2007, cujo decreto foi assinado pelo Papa Bento XVI e lido durante a solenidade pelo Cardeal Saraiva Martins. Sua festa litúrgica foi fixada em 15 de junho.

Fabiano Farias de Medeiros
ZENIT.org

SETE DIFERENÇAS ENTRE O PAPA FRANCISCO E ANTERIORES



1ª- Mudou o trono dourado por uma cadeira de madeira...

2ª- Não aceitou a estola vermelha bordada a ouro ou a capa vermelha...

3ª- Usa os mesmos sapatos pretos, não pediu o vermelho clássico...

4ª- Usa a mesma cruz de metal, nenhuma de rubis e diamantes...

5ª- O seu anel papal é de prata, não de ouro...

6ª - Usa sob a batina as mesmas calças pretas para lembrar-se de que é apenas um sacerdote...

7ª - Retirou o tapete vermelho

NEM ATEIA NEM DEVOTA, PORQUE A CIÊNCIA NÃO REJEITA A IDEIA DE DEUS

“A divisão radical sobre a relação saber-fé entre os dois maiores filósofos da modernidade, ambos tendo fé e ambos mal vistos pela ortodoxia eclesial, põe a questão: o saber direciona a Deus ou é somente através do sentimento moral que a ele se pode chegar?”, questiona Vito Mancuso.

No Prefácio à segunda edição da Crítica da Razão Pura de 1787 Kant escrevia: “Tive que suspender o saber para dar lugar à fé”. Com a delicada expressão “suspender o saber” ele entendia, na realidade, a demolição da metafísica por ele atuada com sua obra prima publicada em primeira edição em 1781. Quanto à fé, pelo final da Crítica da Razão Pura se lê: “A fé em Deus e num outro mundo está a tal ponto entrelaçada com meu sentimento moral, que não corro um perigo maior de perder aquela quanto não corra de perder este”. Para Kant, a fé não tem nada a ver com o saber, mas procede da moral. Contra esta perspectiva se insurgiu Hegel, o qual em 1802 escreveu um ensaio precisamente intitulado Fé e saber e dedicou boa parte de sua filosofia para reconciliar a fratura operada por Kant. Assim, na Enciclopédia das ciências filosóficas: “Já que o homem é pensante, nem o bom senso nem a filosofia jamais se farão persuadir a não elevar-se da e por meio da contemplação empírica do mundo a Deus”. E ainda: “Dizer que esta translação não deva ser feita, é dizer que não se deva pensar”.

A divisão radical sobre a rela-

ção saber-fé entre os dois maiores filósofos da modernidade, ambos tendo fé e ambos mal vistos pela ortodoxia eclesial, põe a questão: o saber direciona a Deus ou é somente através do sentimento moral que a ele se pode chegar? Hoje, com respeito àqueles tempos o papel do saber, sobretudo do saber científico, mudou de direção e é evocado como suporte não mais da fé em Deus, como ocorria então, mas de sua negação. É substancialmente a perspectiva hegeliana mudada de sinal: caso se considere o saber oferecido pela ciência, Deus aparece de todo implausível. Assim sustenta o “Novo Ateísmo”, movimento surgido no início deste século por obra de autores como Richard Dawkins, Daniel Dennett, Christopher Hitchens.

Em polêmica direta com esta perspectiva sai na coletânea da editora Raffaello Cortina “Ciência e idéias”, dirigida pelo filósofo da ciência Giulio Giorello (ateu, mas de velho estilo) um livro brilhante e bem documentado de Amir D. Aczel: Porque a ciência não nega Deus. Dotado de uma robusta formação matemática e física que o leva a discutir sem nenhum complexo de inferioridade com os maiores cientistas de nível mundial e que o fizeram escrever um dos melhores livros sobre o fenômeno talvez mais surpreendente da mecânica quântica, dito entanglement [enredamento], e convencido que “o Deus das interpretações literais das Escrituras redigidas por povos primitivos



há milhares de anos não existe”, Aczel repercute todos os campos da ciência contemporânea, chegando à conclusão que o estado atual da pesquisa científica nos consigna à tese sustentada por Kant: a ciência não afirma nem nega Deus. Oferece antes uma série de dados sobre a extrema improbabilidade deste universo e da emersão nele da vida, de modo a alimentar ainda mais as perguntas e as inquietudes: como explicar a circunstância que conduziu as constantes da natureza a revelar-se tão firmemente sintonizadas pelo nascimento da vida e da inteligência?

O que hoje sabemos não elimina, mas antes aumenta a sensação de mistério, à qual referimos estas palavras de Einstein citadas por Aczel: “Quem quer que se ocupe seriamente de ciência se convence mesmo que uma espécie de espírito, amplamente superior ao humano, se manifesta nas leis do universo. Neste sentido, a pesquisa científica conduz a um sentimento

religioso particular, de todo diverso da religiosidade de quem é mais ingênuo”. Quem, portanto, sai desafiado pela pesquisa científica hodierna é o dogmatismo: seja o teísta, que retém que Deus passa ser “conhecido com certeza através das coisas criadas”, como estabelece o Concílio Vaticano I, seja aquele anti-teísta, que retém que através da natureza Deus possa ser negado com igual certeza. Somos assim remetidos à certeza de Kant: a ciência oferece dados a partir dos quais se podem desenvolver diversas visões do mundo, como de fato ocorre entre os próprios cientistas, alguns dos quais são ateus, outros crentes (entre estes no século vinte o pai da teoria dos quântos Max Planck, o pai do princípio de indeterminação Werner Heisenberg, o pai da teoria do Big Bang Georges Lemaître, um dos protagonistas da decifração do genoma, Francis Collins, e na Itália os físicos Nicola Cabibbo e Ugo Amolde, e a bióloga e senadora Elena Cat-

teano). Se é verdade que hoje a maioria dos cientistas é atea, isso não depende da ciência, que só pode consignar àquele sentimento de questionamento contínuo evocado por Einstein, mas da pobreza da religião atual, empedrada no próprio patrimônio dogmático e incapaz de assumir o espírito da livre indagação.

Certamente, nem todos os modos de negar Deus são iguais. Sobre este tema o filósofo genovês Roberto Giovanni Timossi recém publicou pela Lindau: No signo do nada. Crítica do ateísmo moderno, um guia racional às diversas formas de negação de Deus. Autor de muitas rigorosas publicações, lógico e filósofo da ciência, editorialista de Avvenire, Timossi classifica os ateísmos segundo quatro tipologias:

1) ateísmo antropológico: para ser homem é preciso libertar-se da ideia infantil de Deus;

2) sócio-político: a religião é ópio dos povos;

3) científico: a ciência nega Deus;

4) anti-teodécético: o mal nega Deus.

Segundo o crente Timossi o ateísmo não tem a última palavra, todavia pode jogar um papel importante a cujo propósito ele cita Dostoiévski, cristão convicto, mas também autor de páginas de crítica atea entre as mais admiráveis: “O perfeito ateu está no penúltimo degrau antes da fé mais perfeita”.

Vito Mancuso, teólogo italiano
Jornal La Repubblica



MILAGRES EUCARÍSTICOS APRESENTADOS AO MUNDO

A partir de uma ideia do jovem Servo de Deus, Carlos Acutis, a Exposição de Milagres Eucarísticos reúne mais de 130 fatos prodigiosos que testemunham a presença real de Jesus na Eucaristia

Há um fio condutor de maravilha que atravessa a história da Igreja. Um evento extraordinário, que transcende as leis da natureza para nos mostrar o coração, o vértice, o núcleo do grande plano de Deus, esse fato determinante da nossa fé que é a morte e ressurreição de Jesus.

Dos Andes ao Oceano Índico, por toda a Europa e passando ainda pelo Oriente Médio, os milagres Eucarísticos representam esse laço invisível que une os povos no mistério e na beleza da presença de Deus.

É um trabalho árduo catalogar todos os prodigiosos eventos, ao longo da história, na qual a Hóstia consagrada se tornou carne e vinho em sangue, ou onde o Alimento Sagrado foi salvo da profanação, furto, incêndio. A exposição de Milagres Eucarísticos, graças a uma extensa coletânea fotográfica e minuciosas descrições históricas, é algo único neste campo.

Cerca de 136 Milagres Eucarísticos verificados ao longo dos séculos em diferentes países do mundo e reconhecidos pela Igreja, são recolhidos por este Museu que nos conduz “virtualmente” através dos painéis aos locais onde ocorreram os eventos. Já acolhida em todos os cinco continentes, em milhares de paróquias, em 100 Universidades dos Estados Unidos e nos maiores santuários marianos do mundo.



Nascido em Londres em 3 de maio de 1991 (para onde os seus pais foram em busca de trabalho), e falecido em 2006, com 15 anos, devido a uma leucemia fulminante, Carlos Acutis concentra toda a sua breve existência na amizade com Jesus. Amizade que lhe concede a força para enfrentar a morte com uma coragem espantosa: minimiza a dor que os médicos descrevem como atroz e decide oferecer essa dor em prol do bem da Igreja e do Papa Bento XVI.

Ao seu funeral, ocorreu uma multidão comovida. Quem o conheceu, reconhece que ele era um adolescente especial. Desenvolto, cheio de vida, fã de desportos e perito em informática, Carlos expressa a vontade de se apro-

ximar dos que sofrem, sejam amigos ou conhecidos. Em cada um vê o rosto Daquele que é o centro do seu afeto.

Com apenas 11 anos, decide falar da sua ligação especial com a Eucaristia. “Quanto mais Eucaristia recebermos, mais nos tornaremos semelhantes a Jesus e, já nesta terra, iremos antever o Paraíso”, escreve. Envolve os pais para se fazer acompanhar a todos os lugares onde ocorreram os milagres Eucarísticos. Daí, a ideia de dar vida a essa visão que assume um determinado valor histórico.

A sua construção leva cerca de dois anos e meio. Um trabalho longo, mas proveitoso. Como se pode ler no site, “os efeitos espirituais que a exposição tem acarretado eram imprevisíveis na altura”. A importância da iniciativa é, ainda, sublinhada pelo influente Prefácio do cardeal Angelo Comastri, Arcebispo da Basílica Vaticana, e do monsenhor Raffaello Martinelli, na altura responsável pelo Gabinete Catecismo da Congregação para a Doutrina da Fé.

Alguns milagres Eucarísticos recentes foram adicionados após a morte de Carlos. Entre estes, há um incidente em Tixtla, México, no 21 de outubro de 2006, apenas nove dias depois da morte do jovem criador da exposição. Durante um retiro espiritual na paróquia de San Martin de Tours, no momento da comunhão, os olhos do padre inundam-se subitamente de lágrimas. O celebrante aproximou-se dele e notou que a Hóstia que este tinha na mão para dar a Comu-

nhão a um fiel tinha começado a espalhar uma substância avermelhada.

O fato causou agitação e emoção entre todos os fiéis e, posteriormente, até aos que não estavam na Paróquia. Foram realizadas pesquisas científicas, concluídas em outubro de 2012, com a seguinte conclusão: a substância avermelhada corresponde ao tipo de sangue AB, semelhante ao encontrado na Hóstia de Lanciano e o Santo Sudário de Turim; o sangue era oriundo do interior, excluindo-se a hipótese de alguém poder ter colocado a partir de fora; o tecido encontrado corresponde ao músculo cardíaco.

Face a estas conclusões, em 2013, o monsenhor Alejo Zavala Castro, Bispo de Chilpancingo, anunciou numa Carta Pastoral que “esta manifestação traz-nos um sinal do maravilhoso amor de Deus, que confirma a Real presença de Jesus na Eucaristia”, declarando o caso como um “Sinal Divino”.

Um sinal, porventura, é também o fato de esta carta ter sido publicada em 12 de outubro de 2013, dia do sétimo aniversário da morte de Carlos Acutis. Aquele jovem que, a propósito da Eucaristia, a define como “a minha autoestrada para o Céu”. E um testemunho da sua amizade com Jesus é esta exposição, introduzida como causa de beatificação, que Carlos deixou como herança para todos nós.

Federico Cenci
ZENIT.org

MEDJUGORJE, AS DÚVIDAS DO SANTO OFÍCIO: “NÃO HÁ NADA DE SOBRENATURAL”

As aparições de Medjugorje não teriam nada de sobrenatural. Proibição aos seis videntes de participarem das reuniões. Imposição aos bispos de não fazer que sejam convidados, nem de acolhê-los. São estas as orientações mais importantes que emergiram da reunião de quarta-feira passada na Congregação para a Doutrina da Fé, presidida pelo cardeal Gerhard Ludwig Mueller, no Vaticano. Um encontro muito esperado, sobretudo após a consagração, da parte da Comissão de inquérito presidida pelo cardeal Camillo Ruini, da documentação coletada e posta à disposição do Papa.

A reportagem é de Marco Ansaldo, publicado pelo jornal La Repubblica, 26-06-2015. A tradução é de Benno Dischinger.

Um aniversário amargo (o 34º) para as aparições no santuário em Herzegovina, visitado a cada ano por milhões de peregrinos. Na reunião, o lugar sagrado não foi posto em discussão, nem mesmo a relação entre os fiéis e o santuário. O caso controverso se refere quando muito às visões e o giro periodicamente realizado pelos seis videntes. Após as palavras críticas pronunciadas pelo Papa Francisco sobre a genuinidade das aparições aos 6 de junho passado no voo de retorno de Sarajevo, antontem foi a vez da plenária do ex Santo Ofício. Diversos pontos foram tocados.

Segundo as orientações emersas, as aparições de Medjugorje não teriam nada

de sobrenatural e sua mensagem seria realmente considerada como inconsistente sob o perfil teológico. Os seis videntes têm agora a proibição expressa de participar em reuniões e de divulgar mensagens que eles sustentem provir de Nossa Senhora. Além disso, os bispos são convidados a não acolhê-los para assembleias dos fiéis.

Mas, o que realmente impressionou os membros da Congregação é um dos elementos fortes da investigação conduzida por Ruini. Ou seja, a consistente circulação de dinheiro em torno do fenómeno Medjugorje. A suspeita é que possa haver operações de lucro sobre os peregrinos que se reúnem em grande número nas reuniões dos videntes no exterior, mas também fortes interesses econômicos locais em jogo para hotel e agências de viagem. Um dado que, chegado aos ouvidos de um Pontífice que prega a sobriedade como Jorge Bergoglio, não escapou do novo curso no Vaticano.

Algumas fontes próximas a Medjugorje falam agora de “cordão sanitário erguido em torno dos videntes”, mas convidam a distinguir a sacralidade do lugar mariano das presumidas aparições. A reunião de quarta-feira passada não será, em todo caso, a última reunião dedicada ao caso. Haverá de fato mais uma, provavelmente após o verão. Depois disso chegará o pronunciamento do Papa. Mas o seu pensamento sobre o caso já é muito preciso.

“OS IDOSOS SÃO UM RECURSO PARA A SOCIEDADE”



O envelhecimento da população em muitas partes do mundo levanta a questão do tratamento e dos cuidados dos idosos, bem como o risco da “cultura do descarte”, destacou dom Bernard Auza, Observador Permanente da Santa Sé na ONU, em Nova Iorque, durante uma sessão das Nações Unidas dedicada aos direitos da terceira idade.

O prelado começou citando estatísticas: os maiores de sessenta são atualmente 700 milhões de pessoas (10% da população mundial), mas seu número deverá dobrar em 10 anos. No entanto, acrescentou Auza, faltam políticas sociais que protejam os idosos e “sistemas de formação com abordagem alternativa à ‘cultura do descartável’, que julga os seres humanos simplesmente por aquilo que produzem”.

Os idosos devem ser protegidos da marginalização mediante uma “atitude de aceitação” para “integrá-los melhor na socie-

dade”; melhor ainda se eles permanecerem “na família, com a garantia de assistência social efetiva nas necessidades que a idade ou a doença comportam”.

Quanto às várias convenções internacionais e leis nacionais que protegem os idosos, o Observador Permanente destacou que “uma abordagem baseada exclusivamente no respeito aos direitos humanos não será suficiente sem políticas e programas que encarem as causas subjacentes às violações que se deseja evitar”.

O princípio a ser lembrado é que os idosos “são um recurso e um ponto de referência essencial numa época em que muitos perderam a esperança e lutam para encontrar a sua identidade”. Fortes na “memória coletiva” e na “riqueza de experiência”, os idosos podem ser apoio “para as gerações futuras, que não devem enfrentar as lutas da vida sozinhas”, concluiu o prelado.

ZENIT.org

PAPA FRANCISCO, UM HOMEM UNIVERSAL

O cristianismo nasceu universal, sob os impulsos da postura universal de Jesus de Nazaré que não tomava em consideração se alguém era judeu ou não judeu, pecador ou 'justo', homem ou mulher, mas tratava a todos e todas de modo igual, independente de gênero, nacionalidade, situação social, cultural ou econômica. Com isso, ele colocou as bases para o universalismo cristão, marca registrada da novidade trazida pelo profeta galileu.

Mas, na medida em que o cristianismo cresceu, perdeu-se o senso do universalismo. A igreja começou a formar um 'rebanho de fiéis', lutar contra 'infieis' e 'heresias' e formatar paróquias para proteger os fiéis contra influências maléficas de fora. Perdeu-se o senso universalista. Quanto mais a igreja cresceu, tanto mais ela agiu como se o mundo inteiro fosse seu território e que ela pudesse fazer valer suas leis para a humanidade toda. Correndo atrás de poder e prestígio, ela perdeu um dos mais preciosos tesouros do legado de Jesus de Nazaré: a capacidade de se dirigir com amor e desinteresse a todas as pessoas que habitam este planeta. Ela se envolveu em guerras (como as Cruzadas contra o Islã, uma religião irmã) e perseguições, chegando ao ponto de legitimar a tortura (na Inquisição) e a escravidão (ao longo das colonizações europeias). Só no ano 1964 ela pronunciou uma condenação formal da escravidão (numa referência de passagem que passou despercebida por mu-



tos), por ocasião do Concílio Vaticano II. Isso mostra como a falta de sensibilidade universalista é algo bem recente (apenas 50 anos nos separam do Concílio Vaticano II). Não se pode pensar que ela desaparecerá tão cedo.

Nesse contexto é importante que surjam pessoas públicas que aproveitem de sua posição privilegiada para reavivar entre nós o senso perdido do universalismo. No século XX tivemos figuras como Mahatma Gandhi, que aproveitou da grande visibilidade que a imprensa mundial lhe deu para difundir amplamente a ideia do universalismo (foi morto por um fanático que não entendeu nada). Tivemos Nelson Mandela, presidente da República da África do Sul, Martin Luther King, pastor batista, Helder Câmara, arcebispo católico. Essas pessoas aproveitaram da visibilidade que os meios de comunicação lhes forneciam

para difundir o evangelho do universalismo, cada um num determinado setor.

Hoje, entram novos atores a divulgar esse evangelho. Temos o líder grego Alexis Tsipras da Syriza, um político situado num determinado contexto, que divulga uma mensagem que vale para o mundo inteiro: a política não deve servir aos bancos, mas aos cidadãos. Mas temos igualmente líderes que aparecem quase diariamente nos grandes meios de comunicação, mas que não se dirigem à humanidade como um todo, como Barack Obama, que só fala em benefício dos Estados Unidos, e Angela Merkel, que só age em benefício da Alemanha.

É com alegria que se percebe que o papa Francisco vem se juntar aos líderes que enxergam a realidade universal em vez de olhar somente para seu 'rebanho'. A publicação de sua Carta Encíclica

(carta circular) 'Laudato si' é um sinal inconfundível dessa nova postura. Pelo que sei, nenhum papa, ao longo dos séculos, se dirigiu a todas as pessoas que vivem neste planeta sem nenhum tipo de discriminação. O título da Carta já diz tudo: 'Carta encíclica Laudato si, sobre o cuidado da casa comum'. O planeta terra é nossa casa comum, a casa de todos e de todas. Ao longo da Carta, o papa escreve 'nós', ou seja, envolve seus leitores e suas leitoras numa comunhão de leitura e observação. De vez em quando, ele escreve 'eu' (não 'nós', segundo tradicional protocolo papal), quando enuncia uma opinião pessoal. Isso faz com que estejamos dialogando com Francisco quando lemos sua Carta. Significativamente, o papa assina o documento com seu nome, numa só palavra: 'Franciscus'. Francisco deseja conversar conosco de igual para igual, pois faz ponderações sobre temas que nos atingem a todos e todas, desde o papa até o mais ferrenho ateu: o clima, a água, a biodiversidade, a sujeira dos rios e dos córregos, a qualidade de vida, a degradação social, a desigualdade planetária, etc. Repito: papa Francisco não escreve como líder da igreja católica, embora seja verdade que ele está na posição privilegiada de poder divulgar suas ideias num raio muito amplo. Ele se aproveitou disso, com toda razão. Afinal, o papado não é um serviço prestado a toda a humanidade?

Todos e todas necessitamos de ar puro (não o ar que se res-

pira em São Paulo), água pura e suficiente, eletricidade produzida por água, pão e feijão produzidos por plantas saudáveis (não como muitos produtos nos Supermercados), terra para plantar (não para enriquecer os que já têm dinheiro demais), respeito (inclusive para homossexuais etc.), liberdade (não a falsa liberdade de imprensa defendida pela Globo), dignidade (dos indígenas, negros, mulheres domésticas). É uma coisa só, um bloco só. Um dos pontos mais inovadores da Carta papal consiste no fato que ele alinha problemas ecológicos e problemas sociais e culturais. Afinal, o universalismo é uma atitude global.

Com o papa Francisco voltamos a Francisco de Assis, universalista ao ponto de pregar para peixes e pássaros, e, principalmente, a Jesus de Nazaré, que convida cobradores de impostos à sua casa para comer juntos, como se descreve no Evangelho de Marcos (Mc 2, 15-20), atende a uma mulher siro-fenícia que não pertence ao 'povo eleito' (Mc 7, 24-30) e permite que uma mulher derrame óleo precioso sobre sua cabeça (Mc 14, 60 sqq). Um universalismo que passa por cima de todas as barreiras.

Com a Carta encíclica do papa Francisco se abre uma perspectiva que, para muitos cristãos parece nova, mas que na realidade pertence ao DNA do movimento de Jesus.

Eduardo Hoornaert.
e.hoornaert@yahoo.com.br

MEDIDAS PARA REDUZIR ATÉ 96% DAS EMISSÕES EM 2030

Um conjunto de dez recomendações visando acelerar a transição para uma economia de baixo carbono nos próximos 15 anos é o que propõe o Relatório 2015 Nova Economia do Clima, divulgado pela Comissão Mundial sobre Economia e Clima. O documento "Aproveitando a Oportunidade Global: Parcerias para Crescer Melhor e um Clima Melhor" sugere que as propostas representem oportunidades para promover uma ação climática mais robusta, produzindo simultaneamente benefícios econômicos significantes, capazes de permitir uma ambição maior nas metas dos países que estão sendo anunciadas para a Conferência do Clima de dezembro, em Paris.

Adotadas em conjunto, diz o estudo, as recomendações têm a condição de alcançar ao menos 56% — e potencialmente até 96% — de redução das emissões necessária em 2030 para manter o aquecimento global abaixo dos 2°C. A Comissão Mundial foi criada em 2013 com o objetivo de

fornecer aos governos, empresas e à sociedade informações capazes de ajudar a conduzir a economia na direção da prosperidade ao mesmo tempo em que enfrentam a mudança climática.

"Existem muitas maneiras de colocar as estruturas de incentivos no lugar certo" — comentou o economista Nicholas Stern, presidente da Academia Britânica e copresidente da Comissão, numa entrevista coletiva que antecedeu ao lançamento do relatório. Ele defendeu penalizações econômicas para emissores de gases de efeito-estufa em todos os níveis da sociedade, pois é preciso mostrar que todas as atividades podem ter consequências para a mudança climática. Disse ainda que é necessário acabar com os subsídios aos combustíveis fósseis, transferindo recursos para tecnologias que não produzem emissões de gases-estufa. "Você começa a ter um mercado de carbono quando todos esses incentivos estão disponíveis" — acrescentou, informando que o documento descreve

como se pode implementar esses mecanismos em todos os níveis da sociedade.

O ex-presidente do México Felipe Calderón, copresidente da Comissão, disse que os países da América Latina devem adotar mecanismos mencionados no relatório para reduzir o desmatamento — principal causa das emissões regionais. Chamou atenção, ainda, para o fato de que "nos países em desenvolvimento é preciso superar a mentalidade de ficar culpando uns aos outros", porque sem esforços de todos não será possível manter o aumento da temperatura média global abaixo dos 2°C. "E não estamos falando apenas dos benefícios climáticos, mas também das oportunidades econômicas para os países da região, que podem contribuir muito para melhorar a qualidade de vida dos nossos povos."

Em linhas gerais, as dez recomendações do Relatório (íntegra aqui) são:

1. Acelerar a descarbonização das grandes cidades;



2. Restaurar e proteger paisagens agrícolas e florestais, e aumentar a produtividade agrícola;

3. Investir ao menos US\$ 1 trilhão ao ano em energia limpa;

4. Elevar os padrões da eficiência energética ao melhor nível possível;

5. Implementar efetivamente a precificação do mercado de carbono, e acabar com subsídios aos combustíveis fósseis;

6. Integrar os riscos climáticos no desenvolvimento de políticas e planos para uma nova infraestrut-

tura;

7. Estimular a pesquisa e o desenvolvimento de tecnologias de baixo carbono;

8. Aumentar a participação de investidores e negócios nas atividades de baixo carbono;

9. Ter maior ambição para reduzir a aviação internacional e as emissões marítimas;

10. Reduzir gradualmente o uso de HFCs (gases-estufa usados em refrigeração, entre outros fins).

Sávio de Tarso
Portal Envolverde, 07-07-2015

HOMENAGEM À SABEDORIA QUE SE ESCONDE E SE MANIFESTA NOS CABELOS BRANCOS

No dia vinte e seis de julho, comemoração de São Joaquim e Sant'Ana, pais da Virgem Maria, fazemos festa para os avós, homens e mulheres com uma missão importante e essencial nas famílias e na sociedade. E o grande Papa Francisco, quando lhe perguntaram sobre os celulares com os quais jovens de todas as idades querem fazer "selfies" com ele, disse sentir-se bisavô! Nas Filipinas, foi chamado "Lolo Kiko" — ou seja, vovô Francisco. E recentemente, numa série de catequeses sobre a família, dediquei duas delas aos avós e aos idosos, em geral, das quais recolhi ensinamentos que me apraz oferecer aos leitores (Cf. Catequeses do Papa nos dias 4 e 11 de março), em homenagem a tanta sabedoria que se esconde e se manifesta nos cabelos brancos.

Constata o Papa que, graças aos progressos da medicina, a vida prolongou-se, mas nossas sociedades não se organizaram suficientemente para deixar espaço aos idosos, com o justo respeito e a concreta consideração pela sua fragilidade e dignidade. Quando jovens, somos levados a ignorar a velhice, como se fosse uma enfermidade da qual nos devemos manter à distância; depois, quando envelhecemos, especialmente se somos pobres, doentes e sós, experimentamos as lacunas de uma sociedade programada sobre a eficácia que, conseqüentemente, ignora os idosos. Mas os idosos são uma riqueza, não podem ser ignorados!

No Ocidente, os estudiosos apresentam nosso século como o século do envelhecimento, pois os filhos diminuem e os anciãos aumentam. Este desequilíbrio é um grande desafio. Uma cultura do lucro insiste em fazer com que os idosos pareçam um peso, pois não só não produzem, mas chegam a ser uma carga, e devem ser descartados. Há algo de vil neste habituar-se à cultura do descartável. E nós nos habituamos a descartar as pessoas. Queremos remover o nosso elevado medo da debilidade e da vulnerabilidade; mas agindo deste modo, aumentamos nos anciãos a angústia de serem mal tolerados e até abandonados.

Conta o Papa: "Quando eu era criança, um dia a minha avó narrou-me a história de um avô que se sujava quando comia, porque não conseguia levar bem a colher de sopa à própria boca. E o filho, ou seja, o pai de família decidiu tirá-lo da mesa comum e mandou fazer-lhe uma mesinha na cozinha, onde não se via, para ali comer sozinho. Assim, não faria má figura quando os amigos viessem almoçar ou jantar. Poucos dias depois, chegou em casa e encontrou o seu filho pequeno brincando com um pedaço de madeira, um martelo e alguns pregos; construía algo, e o pai disse-

-lhe: 'Mas o que fazes? — Faço uma mesa, pai. — Uma mesa, por quê? — Para que esteja pronta quando tu envelheceres, assim poderás comer aí!' As crianças têm mais consciência que nós!"



Na tradição da Igreja, assim como em povos de nosso tempo com respeito cultivado aos mais velhos, existe uma bagagem de sabedoria que sempre sustentou a proximidade aos anciãos e seu acompanhamento. A raiz está na Sagrada Escritura: Esta tradição está arraigada na Sagrada Escritura: "Não desprezes alguém na sua velhice, pois nós também ficaremos velhos. Não te escape o que contam os velhos, pois eles o aprenderam de seus pais: deles aprenderás a inteligência e a arte de responder na hora oportuna" (Eccl 8, 7.11-12).

Impressionou-me a abertura de coração do Papa: "Nós, idosos, somos todos um pouco frágeis. No entanto, alguns são particularmente débeis, muitos vivem sozinhos, marcados por uma enfermidade. Outros dependem de curas indispensáveis e da atenção dos outros. Daremos por isso um passo atrás, abandonando-os ao seu destino? Uma sociedade sem proximidade, onde a gratuidade e o afago sem retribuição começam a desaparecer, é uma sociedade perversa. Fiel à Palavra de Deus, a Igreja não pode tolerar estas degenerações. Uma comunidade de cristão em que a proximidade e a gratuidade deixassem de ser consideradas indispensáveis perderia juntamente com elas também a sua alma. Onde não há honra pelos idosos não há porvir para os jovens". E o Papa estimulou os sentimentos adequados a serem cultivados, a gratidão, o apreço e a hospitalidade, que levem as pessoas

idosas a se sentirem parte viva da família e da comunidade.

Para ele, devemos despertar o sentido comunitário de gratidão, de apreço e de hospitalidade, que levem o idoso a sentir-se parte viva da sua comunidade, pois são homens e mulheres, pais e mães que antes de nós percorreram o nosso próprio caminho, estiveram na nossa mesma casa, combateram a nossa mesma batalha diária por uma vida digna. O idoso somos nós: daqui a pouco ou daqui a muito tempo, inevitavelmente, embora não pensemos nisto.

Ensina o Papa que o Senhor nos chama a segui-lo em todas as fases da vida. Para ele, a velhice é uma vocação! Ainda não chegou o momento de se resignar. Para ele, trata-se de delinear uma espiritualidade das pessoas idosas, e não faltam testemunhos de santos e santas idosos! No mês de outubro, pela primeira vez, simultaneamente, um casal de pais de família será canonizado, durante o Sinodo da Família. Trata-se dos pais de Santa Teresinha, Luís e Zélia Martín, exemplo de santidade vivida no matrimônio, que educaram os filhos no caminho da santidade. Em tempos de família em crise, justamente a santidade de um casal que percorreu exemplarmente os passos da fidelidade à própria vocação se torna um presente da Igreja ao mundo!

Ainda o Papa, falando sobre a família, oferece uma imagem muito bonita, tirada do Evangelho de São Lucas (Cf. Lc 2, 25-39): é a imagem de Simeão e Ana. Certamente eram idosos, o velho Simeão e a profetisa Ana, que tinha oitenta e quatro anos, uma mulher não escondia a sua idade! Todos os dias esperavam a vinda de Deus, havia muitos anos. Este era o seu compromisso: esperar o Senhor e rezar. Ao encontrarem Maria, José e o Menino, eles reconheceram o Menino e descobriram uma nova força, para uma renovada tarefa: dar graças e testemunhar este Sinal de Deus. Dar graças, interceder, purificar o coração pela oração! É a recomendação do Papa aos idosos. Precisamos de anciãos que orem, pois a velhice nos é oferecida precisamente para isto. A oração dos idosos é bonita! E como é bonito o encorajamento que o ancião consegue transmitir ao jovem em busca do sentido da fé e da vida! "Esta é verdadeiramente a missão dos avós, a vocação dos idosos! Como gostaria de uma Igreja que desafie a cultura do descartável com a alegria transbordante de um novo abraço entre jovens e idosos! E é isto, este abraço, que hoje peço ao Senhor", concluiu o Papa Francisco.

Confio à proteção de São Joaquim e de Sant'Ana o tesouro que são os avós na Igreja e na sociedade.

Dom Alberto T. Corrêa, Belém PA

NÁUFRAGOS DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Qual o próximo centro financeiro? Nos séculos XIII e XIV, foi Bruges, com o advento do mercantilismo; nos séculos XIV a XVI, Veneza, com suas corporações marítimas e a conquista do Oriente; no século XVI, Antuérpia, graças à revolução gráfica de Gutenberg.

Em fins do século XVI e início do XVII, foi Gênova, verdadeiro paraíso fiscal; nos séculos XVIII e XIX, Londres, devido à máquina a vapor e a Revolução Industrial; na primeira metade do século XX, Nova York, com o uso da energia elétrica; na segunda, Los Angeles, com o Vale do Silício. Qual será o próximo?

Tudo indica que o poderio econômico dos EUA tende a encolher, suas empresas perdem mercados para a China, a crise ecológica afeta sua qualidade de vida. Caminhamos para um mun-

do policêntrico, com múltiplos centros regionais de poder.

A agricultura se industrializa, a urbanização invade a zona rural, o tempo é mercantilizado. Há o risco de, no futuro, todos os serviços serem pagos: educação, saúde, segurança e lazer.

Torna-se difícil distinguir entre trabalho, consumo, transporte, lazer e estudo. A vida urbana comprime multidões e, paradoxalmente, induz à solidão. O salário se gasta predominantemente em compra de serviços: educação, saúde, transporte e segurança.

Antes de 2030, todos se conectarão a todas as redes de informação por infraestruturas de alta fluidez, móveis e fixas, do tipo Google. A nanotecnologia produzirá computadores cada vez menores e portáteis. Multiplicar-se-ão os robôs domésticos.

O mundo envelhece. As cida-



des crescem. Se, de um lado, esca-seiam bens insubstituíveis, de outro, produzem-se tecnologias que facilitam a redução do consumo de energia, o tratamento do lixo, o replanejamento das cidades e dos transportes.

O tempo se torna a única verdadeira raridade. Se gasta menos

tempo para produzir e mais para consumir. Assim, o tempo que um computador requer para ser confeccionado não se compara com aquele que o usuário dedicará para usá-lo.

Os produtos postos no mercado são "cronófagos", isto é, devoram o tempo das pessoas. Basta

observar como se usa o telefone celular. Objeto de multiuso, cada vez mais ele se impõe como sujeito com o poder de absorver o nosso tempo, a nossa atenção, até mesmo a nossa devoção.

Ainda que cercados de pessoas, ao desligar o celular nos sentimos exilados em uma ilha virtual. Do outro lado da janelinha eletrônica, o capital investido nas operadoras agradece tão veloz retorno...

Náufragos da modernidade líquida, há uma luta a se travar no que se refere à subjetividade: deixar-se devorar pelas garras do polvo tecnológico, que nos cerca por todos os lados, ou ousar exercer domínio sobre o tempo pessoal e reservar algumas horas à meditação, à oração, ao estudo, às amizades e à ociosidade amorosa. Há que decidir!

Frei Betto Adital

UM BILHÃO DE PESSOAS NA EXTREMA POBREZA

Relatório do Pnuma destaca que a prosperidade sustentável para as gerações atuais e futuras requer a manutenção e restauração da saúde do ecossistema.

“O principal desafio para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) será tirar mais de um bilhão de pessoas da extrema pobreza e abordar as desigualdades ao mesmo tempo em que utilizamos os recursos necessários para uma população estimada em 8 bilhões de pessoas em 2030 – em termos de energia, terra, água, comida e abastecimento de matérias”, disse o diretor-executivo do PNUMA e subsecretário-geral da ONU, Achim Steiner.

A informação foi publicada por ONU Brasil, 08-07-2015.

A declaração do representante se soma às preocupações do Painel Internacional de Recursos do PNUMA (IRP, na sigla em inglês) que alertou que sem uma gestão sensata dos recursos naturais, como parte integral das medidas políticas, os ODS não cumprirão seu propósito fundamental: acabar com a extrema pobreza até 2030 e abordar todos os aspectos do desenvolvimento sustentável.

Em seu novo relatório intitulado “Coerência das Políticas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Uma Perspectiva dos Recursos Naturais”, o IRP enfatiza que a prosperidade sustentável para as gerações atuais e futuras requer a manutenção e restauração da saúde do ecossistema. Com a prospecção de que a população mundial chegará a 9 bilhões de pessoas em 2050 e o rápido crescimento econômico nas economias emergentes e em desenvolvimento, a demanda por recursos naturais, especialmente a matéria-prima, deve continuar crescendo significativamente. Nesse contexto, aumentar a eficiência de recursos é um fator im-

portante para assegurar a proteção ambiental e climática, o emprego, os benefícios sociais e o crescimento sustentável.

Os estudos do IRP mostram que a extração anual de matéria em todo o mundo aumentou oito vezes durante o século 20. Até 2009, por exemplo, extraíram-se 68 bilhões de toneladas de recursos comparados aos 7 bilhões em 1900. Devido ao declínio nos níveis de minério, dependendo do material em questão, hoje precisamos ser movidas cerca de três vezes mais matéria para a mesma extração de minério do que um século atrás, com mais degradação do solo, implicação das águas subterrâneas e uso de energia.

Números alarmantes A pressão sobre os recursos bióticos também tem aumentado. Mais de 20% das terras cultivadas, 30% das florestas e 10% das pastagens estão sendo degradadas a uma taxa que debilita a capacidade de ecossistemas críticos se renovarem. Até 25% da produção mundial de alimentos pode ser perdida até 2050 devido às alterações climáticas, a degradação dos solos, escassez de água e outras questões e, mesmo assim, continuamos desperdiçando um terço dos alimentos produzidos a cada ano.

Todos os 17 ODS propostos implicam numa competição por recursos, apesar do progresso e de 12 deles estarem diretamente relacionados ao uso sustentável da terra, alimentos, água, energia e matéria. O novo relatório do IRP avalia as interligações, sinergias e contrapartidas entre os ODS relacionados aos recursos naturais que os tomadores de decisão devem levar em conta no momento da formulação de políticas para sua implementação.

O modelo do relatório demonstra que se os ODS em energia, segurança alimentar e mu-



dança do clima forem abordados por políticas setoriais, haverá possíveis contrapartidas entre os sistemas de alimento, biodiversidade, mitigação climática, poluição por nutrientes e uso de água doce. Sendo assim, o progresso deveria ser feito em todos os ODS juntos, como um pacote coordenado e integrado, entendendo os diferentes objetivos e seus requisitos de recursos, gerenciando as sinergias e moderando as contrapartidas. Além disso, se políticas forem combinadas com as medidas de produção e consumo sustentáveis em um sistema de garantias ambientais e sociais, a conquista dos objetivos é mais realista.

“Conquistar o progresso econômico e social previsto em alguns ODS requer investimentos simultâneos naturais de capital em outros”, disse o copresidente e o antigo comissário responsável pelo Meio Ambiente Europeu, Janez Potocnik. “Buscar essa primeira meta e atrasar ação nes-

ta segunda não funcionará. Isso implica uma transformação radical na forma como os políticos e empresas priorizam os problemas relacionados ao uso dos recursos naturais e do meio ambiente”.

O progresso dos ODS relacionados à segurança alimentar, produção de energia e água e saneamento, por exemplo, depende dos mesmos sistemas fundiários a que estão sujeitas as estratégias de conservação que procuram manter a biodiversidade e ecossistema.

Mudanças nos sistemas de produção que abordam as ineficiências estruturais, produtividade de recursos e as estratégias de conservação vão reduzir apenas de forma limitada a pressão sobre o uso da terra, água e energia para alcançar as metas de segurança alimentar, acesso à energia, abastecimento de água e a resistência às mudanças climáticas. Políticas que abordem o lado das demandas, tais como os padrões de consumo, também serão necessárias.

Sobre o Painel Internacional de Recursos

O Painel Internacional de Recursos é um grupo de mais de 30 especialistas e cientistas renomados internacionalmente e mais de 30 governos nacionais. Sediado na divisão de tecnologia, indústria e economia do PNUMA, foi estabelecido em 2007 como um órgão científico para fornecer avaliações relevantes e independentes aos governos e outras partes interessadas quanto ao uso efetivo e eficientes dos recursos naturais ao longo de todo o ciclo de vida. Os relatórios do Painel têm sido usados e indicados por organizações internacionais, governos nacionais, grupos de reflexão e organizações de pesquisa, academia, indústrias e sociedade civil, nas discussões e planejamento de novas políticas que levem em consideração a produção e consumo sustentáveis e eficientes de recursos.

ONU Brasil 08/07/2015

OS JESUÍTAS EM NÚMEROS

A Companhia de Jesus está presente em 127 países, com cerca de 400 centros de estudo, dos quais 231 universidades e quase 3 milhões de estudantes.

Santo Inácio de Loyola faleceu em Roma, 460 anos atrás. No dia de sua festa, 31 de julho, apresentamos aos nossos leitores alguns números que falam da obra deste santo.

A Companhia de Jesus é uma ordem religiosa fundada por Santo Inácio de Loyola e aprovada em 1540 pelo Papa Paulo III, que se difundiu por todo o mundo. Está presente em 127 países, com cerca de 17 000 jesuítas que trabalham para a evangelização, na defesa da fé e na promoção da justiça, em permanente diálogo cultural e inter-religioso.

O atual Papa, Francisco, é o pri-



meiro jesuíta na história a assumir a Catedral de Pedro.

A Companhia de Jesus é formada por 90 províncias, 5 regiões independentes e 9

assistências. O atual Superior Geral dos Jesuítas é o Padre Adolfo Nicolas.

De acordo com dados fornecidos pela Cúria Geral, no campo da educação, eles têm 397 centros, 38 centros de apostolado social, 46 instituições de comunicação e arte, entre as quais editoras, revistas, produtora audiovisual e estações de rádio.

Outros dados oficiais de 2008 indicam que, em 69 países, a Companhia tem 231 universidades, 462 institutos de educação secundária, 187 de primária e 70 de ensino profissional ou técnico. Nestes centros trabalham 130. 571 leigos e 3.732 jesuítas com educadores ou administradores. O total de alunos chega a quase três milhões.

As obras confiadas aos jesuítas são: Rádio Vaticano, Observatório do Vaticano,

Jesuit Refugee Service, educação popular Fé e Alegria com 2900 centros na América Latina, o Hogar de Cristo, além de centenas de paróquias, centros sociais e casas de retiro. Eles compartilham a espiritualidade com a Comunidade de Vida Cristã (CVX) instituição de direito pontifício.

Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola são a fonte da espiritualidade inaciana que os guia em sua busca de trabalhar a serviço da missão de Cristo no mundo de hoje.

No Brasil, existem três Províncias, Brasil Nordeste, Brasil Centro-Leste e Brasil Meridional, e a região da Amazônia, as quais agregam em torno de 730 jesuítas atualmente.

Rocío Llancho García
ZENIT.org

“A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO É UMA CARTA DE AMOR A DEUS, À IGREJA E AO POVO”

É tão baixinho que mal pode ser visto no palco, mas quando toma a palavra, se agiganta e converte-se em um ícone. Gustavo Gutiérrez participou, na quarta-feira 08 de abril, da apresentação do livro *A Igreja pobre e para os pobres*, do cardeal Müller, com prólogo do Papa e uma colaboração especial do ‘pai da Teologia da Libertação’. Com linguagem simples, ao alcance de todos, recordou, entre outras coisas, que a Teologia da Libertação é “uma carta de amor a Deus, à Igreja e ao povo” e, talvez por isso, está mais viva do que nunca.

No grande salão de eventos do Colégio Nossa Senhora de Belém, em Lima, não cabia mais sequer um alfinete. Calculo que havia em torno de 1.000 pessoas. Toda a Lima da Igreja das periferias. Algo que também aqui [em Lima, no Peru] não é muito habitual. “Fazia tempo que não via tanta gente em torno de Gustavo. Tiveste muita sorte”, dizia, ao meu lado, o Pe. Gastón Garatea, outro líder desta sensibilidade eclesial.

Entre as personagens presentes, além de Garatea, estava o bispo jesuíta Luis Bambarén, emérito, e o ex-ministro da Justiça Fernández Sesaredo. Entre o público, gente de idade, mas também de mediana idade e, inclusive muitos jovens. Nota-se no ambiente que após anos de sofrimento e até de “martírio”, o pontificado de Francisco voltou a lhes dar asas.

Foi o que disse claramente o missionário espanhol do IEME, Andrés Gallegos: “O sonho de Francisco de uma Igreja pobre e para os pobres é realizado por todos os que estão aqui e faz parte de uma longa história de alegria e de sofrimentos”.

Na sua opinião, neste processo, pode-se falar, inclusive, de “experiências de martírio”. Desde a de dom Romero, às de “outros mártires que deram a sua vida no dia a dia, gota a gota e pouco a pouco”. Porque também na Igreja de Lima, assim como na da Espanha, a opção por este modelo eclesial de Igreja aberta à misericórdia e aos pobres provocou muitas perseguições.



Aqui, de fato, comparam a situação que viveram (e, em certo sentido, ainda vivem) com a do cardeal Cipriani e com a do cardeal Rouco em Madri. E falam de “duas almas cardinalícias gêmeas, que trataram de impor por meio do controle o velho modelo da Igreja do poder. Com a diferença de que vocês já se livraram dele e nós continuamos sofrendo”.

Antes de Andrés Gallegos, interveio na apresentação, o jesuíta Alberto Simons e, depois, a irmã Glafira Jiménez. O professor jesuíta defendeu a opção pelos pobres e assinalou que “um dos maiores sinais de credibilidade do Deus de Jesus é optar pelos pobres” e, portanto, “a Igreja só será fiel ao Deus de Jesus se for pela opção preferencial pelos pobres”.

No mesmo sentido, a irmã Glafira, que estudou teologia na Universidade de Comillas de Madri, destacou que “Deus é inimigo da morte e de tudo aquilo que a provoca ou a antecipa”, e que “Jesus nos chama para tornar os pobres visíveis, porque a opção preferencial pelos pobres é uma maneira de

fazer teologia e de seguir Jesus”.

Para finalizar o ato, a intervenção esperada de Gustavo Gutiérrez, que começou recordando a sintonia do cardeal Müller, seu amigo, com a essência da Teologia da Libertação, que é o coração mesmo da mensagem cristã: “Que venha a nós o vosso Reino”, ou seja, que “venha o seu Reino à história humana, porque a mensagem cristã é chamada a transformar a História com justiça, liberdade, verdade, amor e igualdade”.

Porque, segundo Gutiérrez, a Teologia da Libertação nasce da convergência de três processos: a situação da América Latina nos anos 1960; a realização do Concílio e sua continuação na Conferência de Medellín. Nos anos 60 aconteceu “a irrupção dos pobres na América Latina”. João XXIII e o Concílio “falam da Igreja dos pobres”. E Medellín “faz parte, para mim, do acontecimento conciliar”. “Nessa confluência de fatores situa-se a Teologia da Libertação e, nesse processo, alimentam-se mutuamente”, explicou.

Gutiérrez quis deixar claro que, em sua opinião, o Vaticano II não é um Concílio pastoral, como alguns tratam de repetir à saciedade numa tentativa de anulá-lo. “O Vaticano II é o Concílio mais teológico de todos da história da Igreja”.

Desde essa confluência com o Concílio, “a Teologia da Libertação não descobriu os pobres, embora alguns criem nisso, nem propõe um tema novo; a única coisa que faz é propor o tema dos pobres de uma maneira nova”. E o novo da Teologia da Libertação é “sua linguagem e a tomada de maior consciência das causas e da complexidade da pobreza”.

A Teologia da Libertação é, pois, uma teologia pastoral, na qual insiste muito o Papa Francisco, porque “a Teologia é feita para ajudar as pessoas a viverem plenamente o Evangelho”. Por isso, está cada vez mais na moda. Por isso, não pode morrer ou “ao menos, não me convidaram para o enterro”.

Mais viva do que nunca na esteira de Francisco. Por isso, o pai desta corrente teológica termina a sua intervenção convidando os presentes para “acompanharem o Papa, como irmãos e companheiros de caminhada, como ele mesmo disse no prólogo do livro”.

Ovação cerrada para o pequeno-grande gênio teológico, do qual as pessoas se aproximam para abraçá-lo, fazer selfies com ele, parabenizá-lo ou simplesmente agradecer-lhe por seu martírio incruento ao longo de todos estes anos de marginalização e de tentativas de linchamento. A “gárgula”, como aqui chamam ao cardeal Cipriani, “quis eliminá-lo da presença pública eclesial, mas não conseguiu, porque a força dos pobres, que é a força de Deus, está com ele”. E, agora, Francisco e até o conservador presidente da Congregação para a Doutrina da Fé, o reabilitaram.

José Manuel Vidal
Religião Digital, 08-04-2015

REFORMA RADICAL DA TEOLOGIA

Uma teoria, quando aceita pela maioria dos pensadores, leva a elaboração de outras teorias compatíveis com ela. A Teoria do Pecado Original, por exemplo, defendida inicialmente por Santo Agostinho, tenta explicar a origem do mal no mundo, a partir de sua fé num Deus bom e perfeito, mas ao mesmo tempo irascível e punidor, de acordo com o conceito que os judeus tinham do Deus Javé. Por se tornar inquestionável, as demais teorias católicas foram elaboradas a partir do pensamento apriorístico sobre o pecado original. Inclusive a Encarnação e a Morte de Jesus, o Cristo, foram interpretadas como redentoras do pecado original e expressão da misericórdia divina para com o homem, deixando-se, em segundo plano, a Mensagem Evangélica, que propõe ao homem um

novo modo de relação com Deus e com o próximo. Não há fundamentos nos Evangelhos para a Teoria Redencionista, como se vê na parábola dos vinhateiros criminosos (Mt 21,33-41), na qual Jesus profetisa sobre a sua própria morte. Compreende-se que é muito difícil para alguém mudar um arraigado esquema de pensar e abandonar teorias e verdades que seguiu durante anos. Mas é, sem dúvida, importante para a Igreja sair do seu imobilismo histórico, pretensamente elaborado por inspiração divina e em resposta à vontade de um Deus, que “disse e assim quer” sem perguntar se a visão de Deus do Antigo Testamento, cujo conceito permaneceu na Teologia Cristã, corresponde ao Deus de Jesus Cristo, Deus Vivo, Deus Pai, Deus presente no mistério que se revela no amor,

no eu, no outro e em toda a Criação. Quando se aborda a vida e a pregação de Jesus Cristo por essa ótica, percebe-se que há uma inadequação profunda entre o pensamento do Antigo Testamento e o do Nazareno, de modo que, a mensagem evangélica constituiu-se, claramente, numa correção de rumo proposta, inicialmente, ao povo de Deus e, depois, aberta a todas as nações. Vendo por essa ótica, percebe-se que a Mensagem de Cristo não deveria ser interpretada e vivenciada como continuidade do modelo religioso-sacerdotal do Antigo Testamento. A queda de uma teoria religiosa, ou de um dogma, exige que se faça revisão dos demais conceitos relacionados, até que se forme uma nova matriz do pensamento teológico, mais coerente com os conhecimen-



tos atuais. Pensando nos males que certas teorias causaram, e algumas ainda causam, à humanidade, conclui-se que é necessário ser mais criterioso no que se pode entender por Palavra de Deus, Inspiração Divina e Inerência dos Textos da Sagrada

Escritura, pois, atribuir a Deus vontades humanas não é honesto com a Divindade e viola sua sagrada soberania. Mais grave do que tomar seu santo nome em vão, é responsabilizar Deus por ações que nascem no quintal das vaidades do homem.



A IGREJA COM QUE FRANCISCO SONHA

Como Francisco de Assis, o que o Papa Francisco encontrou foi uma Igreja em ruínas. Daí, o seu empenho, sem hesitações, na sua transformação e conversão.

O teólogo Agenor Brighenti acaba de apresentar preocupações e modelos fundamentais, em ordem a uma mudança radical, citando Francisco.

1. “De uma Igreja autorreferencial a uma Igreja nas periferias”. É essencial pôr termo a uma Igreja autocentrada e, por isso, da exclusão, para passar a uma Igreja que acolhe os que se encontram marginalizados nas periferias: os considerados perdidos, os que pensam de outro modo, longe das certezas eclesiológicas, os das periferias da dor, das injustiças, da miséria, os pobres e analfabetos, os sem-abrigo, os presos, os drogados, os homossexuais, as famílias monoparentais, os recasados que não podem comungar, os pais casados, e tantos outros...

2. “De uma Igreja-alfândega a uma Igreja samaritana”. Francisco insiste numa Igreja da “revoolução da ternura”. “Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É preciso curar as feridas; depois, falaremos do resto.” Daí, a urgência de uma Igreja-mãe, samaritana, “capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, pouco pode fazer para inserir-se num mundo de “feridos”, que precisam de

compreensão, perdão e amor”.

3. “De uma Igreja de prestígio e poder a uma Igreja pobre e para os pobres”. “Ah, como quero uma Igreja pobre e para os pobres!”, disse na inauguração do seu pontificado. E dá o exemplo. Numa entrevista: “Os chefes da Igreja, em geral, foram narcisistas, aduladores e exaltados pelos seus cortesãos. A corte é a lepra do papado.” Conhece bem a admoestação célebre de São Bernardo ao papa Eugénio III: “Não te esqueças de que és sucessor de um pescador e não do imperador Constantino.” Por isso, repete constantemente que a Igreja “não pode afastar-se da simplicidade”. “Nalguns há um cuidado ostensivo da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, sem se preocuparem com que o Evangelho tenha uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história. Desse modo, a vida da Igreja converte-se numa peça de museu ou numa posse de poucos.” Não ignorando a advertência do bispo Casaldáliga, “só há dois absolutos: Deus e a fome”, a sua preocupação primeira não é a doutrina e a imagem pública da Igreja, mas o sofrimento e a causa dos pobres no mundo. Afinal, “a realidade entende-se melhor a partir da periferia do que a partir do centro”, avisa.

4. “De uma Igreja milagreira e providencialista a uma Igreja pro-



fética”. Denuncia “a cultura do descarte. Não se pode descartar ninguém” nem cair na “globalização da indiferença”. Concretiza: “Hoje temos de dizer “não” a uma economia da exclusão e da iniquidade. Essa economia mata. É inaceitável que não seja notícia um ancião que morre de frio na rua, mas que o seja uma queda de dois pontos na Bolsa.” “Enquanto os lucros de alguns crescem exponencialmente, os ganhos da maioria ficam cada vez mais longe do bem-estar dessa minoria feliz. Este desequilíbrio provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados

e a especulação financeira. Daí que neguem o direito de controle dos Estados de velar pelo bem comum. Instaura-se uma nova tirania invisível.” Assim, “o futuro exige hoje a tarefa de reabilitar a política, que deveria ser uma das formas mais altas da caridade”.

5. “De uma Igreja encerrada na sacristia a uma Igreja acidentada por sair à rua”. Claro que a uma Igreja que sai à rua pode acontecer o que acontece a qualquer um: um acidente. “Mas quero dizer francamente: prefiro mil vezes uma Igreja acidentada a uma Igreja doente. A doença maior da Igreja

fechada é a doença autorreferencial: ver-se a si mesma, curvada sobre si própria.” Daí, a tarefa constitutiva da “missionariedade”, do ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

6. “De uma Igreja centralista a uma Igreja de Igrejas locais”. É necessário superar o modelo centralizado de Igreja, a começar pela Cúria, que urge reformar radicalmente, para ser organismo de ajuda e não de censura - “impressiona ver as denúncias de falta de ortodoxia que chegam a Roma”, adverte.

7. “De uma Igreja clerical a uma Igreja toda ela ministerial”. A descentralização deve estar presente em todas as instâncias da Igreja e opõe-se ao clericalismo: este “não tem nada a ver com o cristianismo. Quando tenho diante de mim um clerical, instintivamente transformo-me num anticlerical”. Se a Igreja é o Povo de Deus, todos têm de participar. Que lugar para os leigos e para as mulheres?

8. “De uma Igreja governada por bispos-príncipes a uma Igreja de pastores”, que caminham “com o seu rebanho”. Evitai, diz aos bispos, “o escândalo de serem bispos de aeroporto”.

O que mais impressiona, digo eu, é que o que Francisco sonha, quer e faz seja considerado extraordinário, quando deveria ser pura e simplesmente o normal.

ANSELMO BORGES

NASA ACREDITA QUE ENCONTRARÁ VIDA EXTRATERRESTRE EM MENOS DE DEZ ANOS

“As atividades da NASA proporcionaram uma onda de descobertas assombrosas relacionadas à água nos últimos anos, que nos inspiram a continuar investigando as origens e as fascinantes possibilidades de outros mundos e da vida no universo”, disse ontem Ellen Stofan, chefe científica da agência. “Em nosso horizonte vital, poderemos muito em breve responder se estamos sós no sistema solar e ir mais além.”

“Creio que teremos fortes indícios de vida além da Terra dentro de uma década, e que teremos evidências definitivas dentro de 20 ou 30 anos. Sabemos onde procurar e sabemos como procurar”, explicou Stofan durante um encontro informativo da NASA.

Os elementos químicos na água - hidrogênio e oxigênio - são alguns dos elementos mais abundantes no universo. Acredita-se que vários mundos poderiam possuir água líquida embaixo de suas superfícies, e que muitos outros tenham água em forma de gelo



ou vapor. A água se encontra nos organismos primitivos como os cometas e os asteroides e em planetas anões como Ceres.

Acredita-se que as atmosferas e os interiores dos quatro planetas gigantes - Júpiter, Saturno, Urano e Netuno - contenham enormes quantidades dessa substância, e suas luas e anéis, gelo.

John Grunsfeld, um dos chefes da missão científica da NASA, compartilhou o otimismo de Stofan: “Creio que esta-

mos apenas a uma geração [de encontrar vida], seja em uma lua gelada ou em Marte”. “A Via Láctea é um lugar empapado”, afirmou Paul Hertz, diretor da divisão de astrofísica da NASA.

Talvez os mundos de água mais surpreendentes sejam as cinco luas geladas de Júpiter e Saturno, que mostram uma forte evidência de oceanos sob suas superfícies: Ganimedes, Europa e Calisto em Júpiter, e Encélado e Titã em Saturno.

Os cientistas que usam o telescópio espacial Hubble da NASA apresentaram recentemente poderosas evidências de que Ganimedes tem um oceano de água salgada embaixo da superfície, provavelmente intercalada entre duas camadas de gelo.

Acredita-se que Europa e Encélado tenham oceanos de água líquida embaixo de sua superfície em contato com a rocha rica em minerais, e poderiam ter os três ingredientes necessários para a vida tal como a conhecemos: água líquida, elementos químicos essenciais para os processos biológicos e fontes de energia que poderiam ser utilizadas pelos seres vivos.

A missão Cassini da NASA revelou Encélado como um mundo ativo de géiseres gelados. Outras missões também encontraram indícios de água nas crateras na sombra permanente sobre Mercúrio e a Lua. Em Marte, a NASA encontrou provas claras de que o planeta vermelho teve água em

seu superfície por muito tempo no passado distante. A sonda Curiosity descobriu um antigo leito de rio que existia no meio de condições favoráveis para a vida como a conhecemos.

A missão Dawn da NASA, entretanto, está estudando Ceres, que é o maior corpo do cinturão de asteroides entre Marte e Júpiter. Os pesquisadores acreditam que Ceres poderia ter uma composição rica em água semelhante a alguns dos organismos que trouxeram água para os planetas rochosos interiores, incluindo a Terra.

Com o estudo dos exoplanetas - planetas que orbitam outras estrelas -, estamos mais próximos que nunca de averiguar se existem outros mundos ricos em água como o nosso. Cada estrela tem uma zona habitável, ou um grau de distâncias ao seu redor em que as temperaturas não são altas demais nem baixas demais para que exista água líquida.

Jornal El País, 09-04-2015

CELIBATO: “SAMBA DE UMA NOTA SÓ” OU “MITO”

O tema “celibato” até há poucas décadas estava adstrito ao âmbito clerical, que via nele um holocausto de agradável odor a Deus, e que deveria queimar no “altar” do voto de castidade as concupiscências da carne. No entanto, o que se tem visto, com certa frequência, é a debandada de muitos padres na direção do casamento, esvaziando as fileiras do clero, com consequências várias para a Igreja. Isso é bastante sério e botou em cheque a propalada excelência do celibato. Há séculos que existe uma grita geral de que é preciso mudar, mas como, aparentemente, não se faz nada, nós padres casados que estamos do outro lado, devemos falar e mostrar o que sentimos e estamos vendo no meio do povo, já que, pelo “rescrito”, fomos reduzidos ao “estado leigo”.

Eu, particularmente, vejo o “celibato”, em si, inútil para a Igreja. Desde a primeira proposta, no ano 325 d. C., no Concílio de Nicéia, e em muitos outros Concílios posteriores, ele não foi observado por boa parte do clero. No passado, muitos e muitos filhos foram feitos, aparentemente, debaixo de muitas batinas pretas, roxas, esclarlates e, até brancas.

Em síntese, seu efeito foi pífio, e ficou muito longe do que o objeto/causa prometia. Mas, assim mesmo, foi e é mantido até hoje, à custa sim de camuflagens vergonhosas. E isso varou séculos e séculos, pelos motivos mais escusos e torpes que se possa imaginar.

Ninguém desconhece que o mundo mudou, mas a Igreja Católica, por incrível que pareça, não enxerga, ou não quer enxergar o óbvio. Até nos grupos de maior vivência religiosa, como ECC, Grupo de Jovens, Associações várias, certas abordagens sobre Celibato dos padres, são ridículas, ou pelo radicalismo em defender o clero a qualquer preço, ou pela falta de informações precisas. Fica claro que, no fundo, os responsáveis, sendo partidários da política do “deixa ficar como está para ver como é que fica”, não fazem nada. Enquanto isso, as coisas vão só piorando. Noutras palavras, como o “Sambinha de uma nota só”, de Tom Jobim, onde as outras notas não entram... “apesar de muita gente, por aí existir, falando tanto, e não dizendo nada”..., o Celibato segue o mesmo caminho: não muda. Apregoa-se que a sublimação das energias sexuais em favor do serviço de Deus e da Igreja é sua “nota” de excelência, mas como não evolui, soa falsa, repetitiva e enfadonha. Na maioria das vezes, o combate à “tentação da carne” que todos têm, absorve as energias disponíveis e o objeto da renúncia a favor de Deus, não dá em nada. Costuma sim, dar em outra vertente muito pior e catastrófica: a opção por conviver com uma vida dupla (homossexualismo, pedofilia, parceiros eventuais) que, infalivelmente, produzem um estado de infelicidade profunda no espírito e na alma que nem Deus cura. Realidade muito triste, mais frequente do que se pensa, e nada se faz para mudar, a não ser pedir ao povo

para rezar “pedindo vocações sacerdotais”, quando muito, proteção para o Papa, Bispos e Clero. A mística falsa é que Deus se delicia mais com o louvor, o culto e as preces dos celibatários e das virgens. Com tamanha hipocrisia, a má interpretação de virgindade e do sentido da pureza, nos primeiros séculos, chegou-se a admitir que a mulher fosse obra do diabo e fonte de pecado, acirrando-se assim uma misoginia estúpida, que até hoje tem reflexos no machismo da Igreja. Em todos os seguimentos da sociedade, a mulher já ocupa seu lugar, onde ela mostra sua beleza e prova sua competência profissional, mas na Igreja ela não tem vez, quando muito, canta, dá comunhão, ou é catequista.



É tão absurdo pensar que esse estado de coisa agrada a Deus, que seria o mesmo admitir que um pai ou mãe gostaria mais da filha antes de ela se casar, porque, por hipótese, é virgem... ou de um filho solteiro, só porque ainda não faz sexo com mulher.

Deus seria masoquista se exigisse isso de alguém, obrigando-o, na maioria das vezes, a abrir mão de algo natural, legítimo, bom e prazeroso, criado por Ele.

As pessoas, até as mais chegadas à sacristia, têm certeza de que um número considerável de padres, no exercício de suas funções ministeriais, é infiel à promessa de se absterem de sexo, e julga essa disciplina uma bobagem, uma exigência desnecessária e impossível de ser cumprida. O casamento, na opinião da maioria, em nada atrapalha o exercício das funções religiosas, muito pelo contrário, a vida de família, não obstante as preocupações inerentes, daria ao padre experiências especiais na orientação espiritual das pessoas casadas e solteiras. É

constrangedor ouvir críticas veladas e abertas de muitas pessoas que esnobam o “ato heroico” dos padres: simplesmente acham que é uma hipocrisia.

O celibato se parece também com um “mito”: “Relato fantástico de tradição oral, geralmente protagonizado por seres que encarnam as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana = lenda.

Senão de todos, pelo menos de alguns dos aspectos formadores do mito, o celibato, em seu arcabouço doutrinário e disciplinar, muito se aproxima. Na sua gênese era o que se pensava e pregava: seria, para quem o abraçasse com fé e devoção, capaz de produzir efeitos supra-humanos que atenderiam caprichos das divindades que, inexplicavelmente, tornariam excepcionais essas pessoas, tornando-as quase anjos...

Fantasia-se que quem se abstém de práticas sexuais, mesmo as lícitas, para agradar a Deus, se santifica mais rapidamente. A Igreja, em sua doutrina, patrocinou isso largamente, e através dos séculos, foi pródiga em colocar nos altares uma miríade de santos e santas que passaram a vida sem ter relações sexuais com pessoas de sexo oposto, pelo menos é o que se supõe. E, além de receberem uma menção especial no codex sanctorum, são apresentados como modelos de vida e santidade para todo o povo.

Diante disso, algumas perguntas ficam sempre sem respostas:

“Onde estão os santos pais e mães de família”? Ou “No casamento, por ser permitido ter relações sexuais, ninguém se santifica”?

Alguém, recentemente, me deu a seguinte resposta que, nem de longe me convenceu: “A canonização de um santo ou santa exige muito dinheiro, e só as Dioceses e Congregações Religiosas possuem”. Eita dinheiro bendito, que abre até o céu pra muita gente! Eis aí um aspecto do problema que beira o ridículo, para dizer pouco. A política devocional da Igreja é vergonhosa: não faz muito tempo, aos pés de cada imagem, dentro da igreja paroquial, tinha sempre um cofre para “esmola pro santo”.

O “mito” diz também que quem não se casa por amor a Deus, dedica ou deve dedicar 100% de seu tempo ao serviço religioso. É outra fantasia, porque isso, de fato, não acontece em lugar nenhum. Sabe-se que um sem número de homens e mulheres que se casaram, constituíram família, e, por caminhos opostos, são espinhosos ou até mais que os dos celibatários, conseguiram galgar os degraus da santidade, sem o cerceamento, sem sacrifícios extravagantes e duvidosos.

Em termos concretos, o celibato com sua capa de carisma e santidade, é um “sambinha” falso e um “mito” barato.

José Lino de Araujo

joselinodearaujo@gmail.com

REDEFININDO CONCEITOS PARA UMA VIDA DE VITÓRIAS

Quais as cinco coisas que mais impedem que consigamos mudar a nossa vida, edificar novos projetos e realizar os nossos sonhos?

Ao ler esse texto reflita sobre a sua própria vida.

Sabe aquele amigo que está sempre implicando com você, que não soma e nem diminui, e você mantém por perto nem sabe mesmo o porquê? É hora de deixá-lo partir! Perceba que se você não mover mais um dedo para manter a chama dessa amizade acesa, ela se apagará sozinha.

O mesmo com aquele relacionamento que lhe incomoda há tempos, não tem amor, virou apenas um costume, uma rotina. Deixe-o partir também!

Liberte-se de suas mágoas passadas, elas ocupam parte do seu tempo, espaço em sua mente e emoções negativas em seu coração. Libere espaço para novos ares e sentimentos incríveis o preencherão.



Crenças que foram incorporadas à sua mente e só atrapalham sua vida, abandonem-as. Esqueça conceitos do tipo “se ganha dinheiro trabalhando duro, e muito”, quem estuda mais será mais bem-sucedido (pesquisas na Universidade de Harvard nos Estados Unidos já demonstraram que os alunos mais estudiosos da primeira fila hoje trabalham de empregados para a turma do barulho lá do fundão); além de muitos

outros conceitos ultrapassados. Atualmente, uma boa ideia gera mais resultado que meses de trabalho árduo. Ache a sua!

Por último, e o mais difícil, se liberte de sua auto importância. Ela irá atrapalhar grande parte de suas escolhas, sua percepção de mundo e seus relacionamentos. Com o advento da física quântica, descobrimos que estamos conectados pela energia a todas as pessoas, inclusive as que não gostamos.

Cada um de nós é a soma das cinco pessoas com as quais passamos mais tempo, demonstram diversos estudos. Se quiser entender a sua condição atual, basta compreender essa equação. Ocupe seu tempo com o que realmente importa, um dia, cada minuto que você perdeu tentando controlar todas as coisas, o que os outros pensavam de você, o tempo desperdiçado com quem não merecia sua atenção, irá lhe fazer muita falta.

Esteja na presença de quem celebra

você, não quem o suporta. Muitas vezes estamos sendo apenas suportados e não celebrados, mude isso agora.

Durante minha vida demorei muito a deixar amigos que gostava partirem, mas na verdade havia me acostumado a eles. Faço negócios e me relaciono normalmente com todas as pessoas, mas em meu tempo livre, hoje escolho estar na presença de quem me celebra, e não apenas quem me tolera. Tenho um relacionamento de verdadeiro amor e ainda estou em busca da quinta pessoa a gastar parte do meu tempo; mesmo viajando entre países todo o tempo e conhecendo pessoas de todas as partes do mundo, apenas propósitos hoje me guiam. Papo furado, crenças loucas e auto importância ficaram guardadas no baú da história.

Para construir algo novo, precisa antes deixar o velho partir.

Alcione Giacomitti



EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Tese de doutoramento da educadora Tânia Medeiros, focada na Síndrome de Asperger, vem esquentar a discussão sobre as deficiências do ensino para crianças com necessidades especiais. Certas diferenças mentais e reações estranhas de portadores de qualquer tipo de transtorno são percebidas apenas no ambiente escolar, devido a interação com outras crianças da mesma idade e a exigência de maior esforço intelectual. Cabe ao educador inteirar-se dos problemas que afetam a aprendizagem de seus alunos e orientar também a família para os tratamentos especiais, inclusive com intervenção de especialistas, quando necessário. O desafio de desenvolver uma pedagogia centrada na criança e de acordo com suas necessidades especiais. O processo de inclusão ocorre onde a pessoa, ainda excluída, a sociedade, a família e a escola se unem para encontrar soluções e buscar oportunidades para os excluídos.

Embora a base de toda a educação comece na família, é na escola que se constrói o sujeito da História, um sujeito crítico ou

acomodado, engajado e útil ou um peso para a sociedade. Em tempos não muito distantes, os portadores de necessidades especiais eram marginalizados, maltratados, muitas vezes vivendo como prisioneiros, escondidos no seio da própria família, que tinha vergonha de apresentar à sociedade alguém com algum tipo de diferença dos padrões considerados normais.

No final dos anos 60 teve início um movimento mundial pela integração social das pessoas com deficiência nos sistemas sociais como escola, trabalho, família e lazer. Esse movimento, porém, só ganhou força a partir da década de 80. O passo mais decisivo se deu na Conferência Mundial de Educação Especial, ocorrida em 1994, na cidade de Salamanca, na Espanha, que resultou na "Declaração de Salamanca". A partir daí rompeu-se o paradigma educacional excluyente, a estrutura curricular fechada e a homogeneidade na escola. Depois de tantos anos de isolamento e segregação, as pessoas com deficiência estão sendo reconhecidas como cidadãos e aceitas na escola regular. A Declaração afirma que as Escolas Regulares,



Educação
Inclusiva

Por uma
escola
de e para
TODOS!

com orientação inclusiva, são os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias.

No Brasil o primeiro passo no caminho da educação inclusiva se deu com a Constituição de 1988, que garante a todos o direito de acesso à educação. O artigo 208, inciso III, declara que o Estado tem o dever de garantir "atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino". Para reforçar essa lei e garantir a todos os deficientes um lugar na escola regular, promulgou-se o Decreto nº 3956, em 2001, que faz referência à Con-

venção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência."

As grandes linhas estabelecidas pela Constituição foram regulamentadas, em seus mínimos detalhes pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/96. O Capítulo V, destinado a Educação Especial, estabelece garantia de matrícula na rede de ensino para pessoas com deficiência; criação de apoio especializado, para atender as peculiaridades dos alunos especiais; oferta de educação especial durante a educação infantil;

e especialização de professores.

Embora a lei de Diretrizes e Bases - LDB - tenha por objetivo preparar o educando para o pleno desenvolvimento, de acordo com a tese de doutoramento da professora Tânia Medeiros, o sistema educacional vigente no Brasil precisa passar por significativa mudança, uma vez que está fundamentado na divisão dos alunos, desrespeitando as diferenças. Muitas crianças em idade escolar apresentam comportamentos identificados como estranhos e, inúmeras vezes, em função do desconhecimento das causas deste comportamento por parte dos profissionais que as atendem, não têm uma inclusão efetiva nas atividades escolares.

Ainda segundo a professora Tânia, a proposta inclusiva requer para a escola, família e sociedade: "conscientização sobre a nova maneira de entender e educar esses alunos, investimento sério na equipe escolar, pessoas preparadas para prestar apoio aos professores, além da estruturação de métodos, técnicas e recursos de ensino adequados ao aluno".

Antônio Müller
mulleramisa@gmail.com

CONSUMO DE FRUTAS E HORTALIÇAS



Apenas um em cada quatro brasileiros consome a quantidade de frutas e hortaliças recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Três de cada dez comem carne com excesso de gordura e um em cada cinco toma refrigerante cinco vezes ou mais por semana. O alimento mais consumido pelo brasileiro é o feijão: dois de cada três fazem isso pelo menos cinco vezes na semana. Os dados são da pesquisa Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel 2014), feita pelo ministério nas 27 capitais.

Segundo o Ministério da Saúde, apenas 24,1% dos brasileiros têm o hábito de consumir frutas e hortaliças em cinco ou mais dias da semana, na quantidade de pelo menos 400 gramas diárias. O consumo é menor entre os homens (19,3%) e maior entre as mulheres (28,2%).

A pesquisa mostra ainda que 29,4% dos entrevistados consomem carne com excesso de gordura. O índice era de 32,3% em

2007. Novamente, os homens têm hábitos menos saudáveis: 38,4% consomem essa carne, número que cai para 21,7% entre as mulheres.

O levantamento revelou que o consumo de refrigerante caiu 20% nos últimos seis anos. Ao todo, 20,8% dos entrevistados dizem tomar refrigerante cinco vezes ou mais por semana. Os homens são, outra vez, quem mais consome o produto: 23,9% contra 18,2% das mulheres.

O feijão é consumido cinco ou mais dias na semana por 66% dos brasileiros. Entre os homens, o índice é de 73%. Entre as mulheres, de 61%.

O ministro da Saúde, Arthur Chioro, lembrou que as doenças infectocontagiosas não são mais a principal causa de mortes no Brasil, e sim as crônicas-degenerativas, responsáveis por dois terços dos óbitos. Essas doenças, disse o ministro, têm fortíssima ligação com a alimentação.

André de Souza
Jornal O Globo, 07-04-2015

UM GRITO DE ESPERANÇA

Sim, quero gritar minha fé... e minha esperança ao final deste pequeno estudo, e ao final de minha vida sacerdotal. Desde os nove anos iniciei meus estudos num Seminário dos Padres Vicentinos, em Escobar, Província de Buenos Aires.

Não posso deixar de recordar as ilusões, o temor e a esperança ao receber a consagração sacerdotal no dia 22 de dezembro de 1944, apenas completado meus 22 anos.

Que eu fiz, Senhor, para propagar tua Mensagem de luz, verdade e amor? Quantos companheiros meus de ordenação ou estudos, já não estão... para partilhar tantas saudades de sonhos truncados!

Porque, Senhor, não soubermos compreender que o núcleo de tua pregação evangélica era sempre o amor... obsessivamente o amor... e que todo pecado é um ato de desamor, é um dano que fazemos a nós ou fazemos aos outros?...

Por que tanta insistência de mandamentos e preceitos sob pecado mortal?...

Porque a primazia da "obediência" sobre a misericórdia?...

Porque infundir medo, temor, castigo em nome de Deus... quando sabemos que Deus não quer a morte de ninguém... se não que todos se salvem?...

Porque, ainda, e apesar das claras diretivas do Concílio Vaticano II, obra de teu fiel Pastor João XXIII, se omitem seus Documentos... e se criam novos códigos repressivos sob títulos de Direito canônico e Catecismo católico... para vergonha dos profissionais católicos?...

Por que, ainda, a nossa Hierarquia se-



gue os ritos medievais de ostentação e poder?...

Por que repetimos ritos de "lava-pés" em Semana Santa... e logo depois enchemos os templos de incenso, luxuosos adornos e mitras brilhantes?...

Por que se teme o matrimônio que funda a família de Cristo, e se nega a consagração sacerdotal a quem não renuncia para sempre ao matrimônio... como se não fosse um sacramento que tem mais "valia" que o celibato?... E por que não se admite o celibato livre, para ser virtude?...

Meu Deus! Bento XVI! ... Por que tanto medo à liberdade que nos trouxe Cristo? Não é uma injúria a Cristo exigir o celibato obrigatório para o sacerdócio, quando Ele não o exigiu?!

Nota: *Meu querido amigo brasileiro Gilberto do Jornal Rumos: Envio-lhe esta pequena Nota para atender a seu pedido. Tenho muitas esperanças na gestão de nosso Papa Francisco que leva o espírito dos verdadeiros apóstolos Elder Câmara e Jerônimo Podestá.*

Obrigado, irmão em Cristo.
Padre José Amado Aguirre
(Publicado antes do Papa Francisco)

“O FUTURO DO PLANETA PASSA PELA AMAZÔNIA”

Pedro Ricardo Barreto Jimeno, jesuíta, é arcebispo de Huancayo, Peru, desde 2004.

Em 2005, o arcebispo de Huancayo lançou a iniciativa de uma mesa de diálogo para “uma solução integral e sustentável para a questão ambiental”. Desde então, o cuidado da “casa comum” está entre as prioridades da pastoral de Dom Barreto. Como responsável pela Ação Social do Conselho Episcopal Latino-Americano, em 2007, participou da Conferência de Aparecida.

“A encíclica ecológica e social do Papa Francisco certamente terá um forte impacto na América Latina, onde os recursos naturais são objeto de exploração selvagem, e o drama da destruição da Amazônia pesa gravemente sobre o destino da humanidade inteira.”

O jesuíta Pedro Barreto Jimeno, arcebispo de Huancayo, no Peru, acaba de ser nomeado referente do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) junto à Repam, Rede Eclesial Panamazônica, cuja criação foi solicitada pelo Papa Francisco.

A imprensa o apelidou de “o guardião da Amazônia”. Mas “todos – afirma – devem ser guardiões da criação”. Há anos na vanguarda da denúncia do desmatamento produzido pelas multinacionais da mineração e pela expansão das monoculturas, o jesuíta foi a pessoa de referência de Bergoglio para a parte do Documento de Aparecida sobre o cuidado da criação.

A crítica a um modelo de

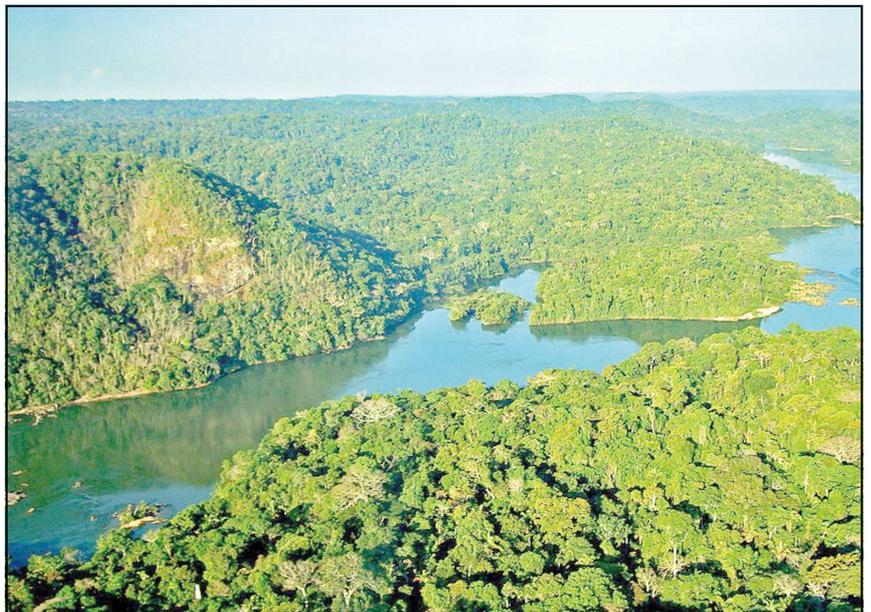
desenvolvimento predatório, o ambiente como “casa comum”, a defesa da biodiversidade, a atenção às populações, o alerta sobre as mudanças climáticas são os temas da *Laudato si’* que já estavam todos presentes no texto de Aparecida, do qual Bergoglio foi coordenador.

A Repam responde à “necessidade urgente de proteger a vida em harmonia com a natureza a partir da presença difusa e múltipla da Igreja na Amazônia”, explica Dom Barreto ao *Avvenire*. “A rede assumiu a missão de sensibilizar a América e o mundo sobre a importância da Amazônia para a humanidade.” E de organizar uma pastoral que, no respeito às especificidades locais, favoreça um modelo de desenvolvimento ao serviço do bem comum, em que se privilegiem os pobres.

No dia 3 de março passado, Dom Barreto e o cardeal Claudio Hummes apresentaram a Repam para Francisco. “Nós a definimos como um espaço de formação, reflexão e ação pastoral, à luz da nova encíclica sobre o ambiente”, afirma o arcebispo de Huancayo.

“A fome irracional e irresponsável de recursos está devastando a Terra.” E os efeitos mais brutais, acrescenta, recaem “sobre os mais pobres, os distantes, os excluídos”.

A *Laudato si’*, portanto, “como disse o Papa Francisco – enfatiza Barreto – também será a contribuição da Igreja para a cúpula da ONU sobre as mudanças climáticas, em Paris”. Um mo-



mento crucial para a futura política ambiental e para o equilíbrio do planeta.

A Amazônia, da qual dependem 20% do oxigênio mundial, contém nos seus sete milhões de quilômetros quadrados de extensão a complexidade do que está em jogo. Francisco, dando impulso – com o apoio do Pontifício Conselho Justiça e Paz – para a Repam, já antecipou as prerrogativas da *Laudato si’*.

Isso significa que “a Igreja não está na Amazônia com as malas prontas, como aqueles que vêm para explorá-la e ir embora”. A encíclica, em cuja apresentação

Barreto não pode participar por um triz, depois de ter lembrado a importância daqueles “pulmões cheios de biodiversidade” como a Amazônia, denuncia – de acordo com o documento de Aparecida – as suas propostas de internacionalização “que servem apenas aos interesses econômicos das multinacionais”, explica o prelado.

Interesses multimilionários e a idolatria do dinheiro. Quem se opõe à exploração selvagem, muitas vezes, corre o risco de morte. Só em 2014, foram assassinados 116 ambientalistas, uma média de dois por semana.

A floresta, que abrange nove

nações latino-americanas, no entanto, é “fonte de vida no coração da Igreja”, afirma o arcebispo de Huancayo. E explica: “Se a sua riqueza natural, dada a concentração de biodiversidade, é imensurável, ainda maior é a riqueza cultural da Amazônia, onde vivem, desde tempos imemoriais, 35 milhões de pessoas, incluindo três milhões de indígenas. A Igreja, com a Repam, quer escutar o seu grito e acompanhar as suas esperanças, colocando em prática as orientações da *Laudato si’*”.

Lucia Capuzzi e Stefania Falasca
Jornal *Avvenire*

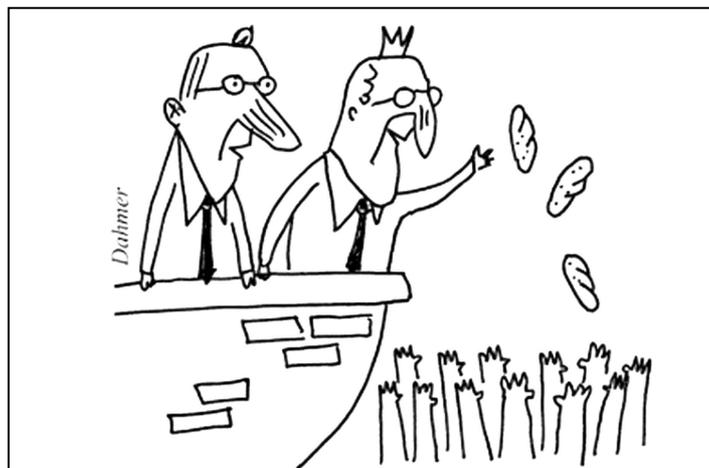
POPULISMO E IDEOLOGIA

No domingo 22 de fevereiro de 2015, Mons. Julio Parrilla, Bispo de Riobamba, escreveu no jornal *El Comercio* da cidade de Quito, um artigo intitulado “Populismo e Ideologia”.

A propósito dessa publicação façam breve comentário.

O termo populismo me lembra o povo, as massas populares, a população em geral, mas particularmente as classes pobres, os camponeses sem terras, os excluídos das periferias urbanas. Precisamente ali se tomou a iniciativa para formular a teoria do populismo que os políticos souberam orientar para seus fins e alcançar o poder.

Em nosso meio a ideia do populismo chegou como doutrina política para utilizá-lo na luta das pequenas propriedades camponesas contra o capitalismo e os resquícios feudais que imperavam, que extraíam a força do trabalho e a produção agropecuária. Assim nasceram os movimentos e partidos políticos populistas. Lembremos que na América Latina o populismo agrupou aos partidos de massas depois da crise dos anos 1929. Apoiou-se na pequena burguesia, nos camponeses, na classe proletária, nos excluídos das cidades. Sua política demagógica estava desenhada no naciona-



lismo econômico, no anti-imperialismo, como são os exemplos de Getúlio Vargas, no Brasil, Domingo Perón, na Argentina, Haya de la Torre, no Peru, Velasco Ibarra, no Equador. (Enciclopédia SALVAT).

A ideologia veio com a conquista espanhola que se impôs com a cruz e a espada, respaldando as ideias econômicas e

políticas da coroa e com a bênção do Papa daquela época. Os mensageiros do evangelho se submeteram às normas vigentes da conquista e colônia, acima da pregação e prática do evangelho. Tal foi a luta de Frei Bartolomé de las Casas, entre outros.

Os governos na América Latina sempre estiveram unidos à Igreja Católica para

obter lucros e vigências em suas gestões. Justamente a luta liberal foi para arbitrar e separar as funções da Igreja e do Estado.

A partir do Concílio Vaticano II, 1962-65, a Igreja Católica na Constituição *Lumen Gentium* ensina que a Igreja, como Povo de Deus, está presente em todas as raças onde os membros são chamados a uma comunicação de bens, assim como diz o Apóstolo Pedro em sua primeira carta, 4,10: “O dom que cada um recebeu coloque-o ao serviço dos outros”.

Logo as reuniões das Conferências episcopais celebradas em Medellín, em Puebla, em Santo Domingo, em Aparecida, confirmam as decisões do Concílio Vaticano II, que a evangelização é a missão fundamental, acompanhada da promoção humana e o desenvolvimento dos povos.

Hoje, o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, convida os batizados a viver as exigências do batismo com alegria e verdadeiro compromisso de serviço a Deus e à comunidade.

Mario Mullo Sandoval
Rosa Leiva Valles
Asoc.Nac.Yahuarcocha - Quito

GUIAR DA MÃE TERRA

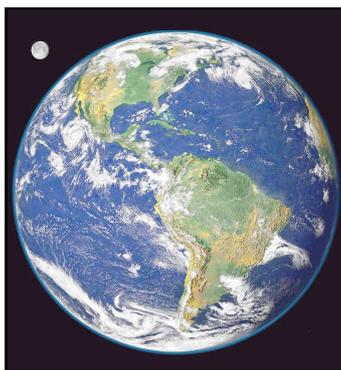
Naquele 13 de Março de 2013, ao ouvir o nome que o cardeal Bergoglio escolhera para si como Papa - Francisco -, fiquei convencido de que, mais tarde ou mais cedo, apareceria uma intervenção forte sobre a ecologia. Ela aí está, na encíclica "Laudato si", palavras iniciais do Cântico das Criaturas, de São Francisco de Assis: "Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe Terra, que nos sustenta e governa."

Impossível fazer aqui uma síntese minimamente adequada da sua riqueza. Trata-se de um texto poderoso, argumentado, contundente, também com belas passagens poéticas, articulando a ecologia do meio ambiente e a ecologia humana, um marco histórico para o futuro do planeta, que se impõe debater e meditar. Não é por acaso que aparece nesta data, antes da viagem aos Estados Unidos e no contexto da preparação de um novo tratado sobre o clima numa conferência das Nações Unidas, em Dezembro próximo, em Paris. Por isso, já começaram as críticas por parte, nomeadamente, de grandes poderes relacionados com a energia e a banca. O líder republicano Jeb Bush, possível candidato à presidência dos Estados Unidos, por exemplo, que se converteu ao catolicismo há 25 anos, arremeteu contra Francisco: "Não deixarei que os meus bispos, os meus cardeais ou o meu Papa me ditem a política econômica"; a religião deveria ocupar-se mais de "tornar as pessoas melhores e menos de questões que têm que ver com aspectos políticos".

Francisco, porém, pensa ser seu dever dirigir-se a crentes e a não crentes, "a cada pessoa que habita este planeta", para a defesa da "casa comum" ameaçada, tanto mais quanto as alterações climáticas afetam sobretudo os mais vulneráveis, estão em causa a paz e as gerações futuras, e o Deus criador entregou a Terra ao cuidado responsável de todos.

A própria encíclica descreve os seus eixos: "A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que no mundo tudo está ligado" - é uma afirmação constante: tudo em conexão e interdependência -, "a crítica ao paradigma da tecnocracia e às formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outros modos de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida."

Poucos se lembram de que a formação de base de Francisco é a Química, sabendo, portanto, o que significa a ciência e, além disso, consultou vários cientistas de renome. Assim, escreve: "Há um consenso científico muito consistente que indica que nos encontramos perante um preocupante aquecimento do sistema climático. Se a atual tendência continuar, este século poderia ser testemunha de alterações climáticas inauditas e de uma destruição sem



precedentes dos ecossistemas, com graves consequências para todos." Aliás, com a produção de centenas de milhões de toneladas de resíduos por ano, muitos deles não biodegradáveis, "a Terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo", adverte.

O clima é um bem comum e a alteração climática "é um problema global com graves dimensões ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, e coloca um dos principais desafios atuais para a humanidade", cujas consequências "recairão nas próximas décadas sobre os países em desenvolvimento", com tragédias sem fim a que já estamos a assistir, "lamentavelmente, com uma indiferença geral". O texto sublinha o drama da água e da pobreza e denuncia: "Não se costu-

ma ter consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos, mas eles são milhares de milhões de pessoas." E adverte: somos "uma só família humana. Não há fronteiras, nem barreiras políticas ou sociais que nos permitam isolar-nos e, por isso, também não há espaço para a globalização da indiferença". Afinal, habitamos a mesma casa.

É mentira "a disponibilidade infinita dos bens do planeta", impondo-se, portanto, avançar com "uma valente revolução cultural", para uma "ecologia integral": "O gemido da irmã Terra une-se ao gemido dos abandonados do mundo, com um clamor que nos obriga a outro rumo." Precisamos de um novo estilo de vida, de consumo e produção e de outra política: "A salvação dos bancos a todo o custo, fazendo o povo pagar o preço, sem a decisão firme de rever e reformar o sistema todo, reafirma um domínio absoluto das finanças que não tem futuro e que só pode gerar novas crises depois de uma longa, penosa e aparente cura."

"Faz falta voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que somos responsáveis pelos outros e pelo mundo, que vale a pena sermos bons e honestos. Já tivemos tempo demasiado de degradação moral, escarnekendo da ética, da bondade, da fé, da honestidade. Chegou a hora de tomarmos consciência de que essa alegre superficialidade nos serviu de pouco."

ANSELMO BORGES

PARAFRASEANDO HUBERTO ROHDEN



Quem encontrou o seu verdadeiro ser, despreza o ilusório ter.

Quem realizou o seu ser age por amor, sem esperar recompensa.

Falecimento



Dia seis de julho, faleceu nosso amigo Padre Antônio Germano Herdt. Nascido no Sul de Santa Catarina, ordenou-se padre diocesano na Diocese de Tubarão. Por muitos anos foi pároco da cidade de Laguna. Ali fundou um coral do qual foi Diretor e Dirigente, e fez excursões com ele por vários países, inclusive várias vezes pela Europa. Depois de casado continuou morando em Laguna. Acometido de câncer no pulmão, veio a falecer no Hospital de Caridade, em Florianópolis.

Noticiado por Giba.

DEZ CONSELHOS PARA ENFRENTAR A MORTE DE FORMA CRISTÃ

A morte gera incertezas e temores, mas se a compreendermos sob a ótica cristã, poderemos enfrentá-la com esperança nas promessas de Deus.

A morte assusta-nos a todos: ver-nos indefesos e frágeis diante dela gera incertezas, perguntas, mal-estar. Ao invés de fugir do tema, vale a pena entender o verdadeiro sentido da morte e, para isso, podemos recordar os seguintes aspectos, que nos ajudarão a ter uma visão cristã desta realidade:

1. Recorrer aos sacramentos: unção dos enfermos, confissão e comunhão.

Quando o momento se aproxima, é preciso procurar deixar este mundo livre de pesos e pecados, receber a unção dos enfermos, confessar-se e comungar. Assim, a esperança no encontro com Cristo, Bom Pastor, nos confortará. Se algum conhecido estiver nesta situação, podemos ajudá-lo procurando um padre para que o visite.

2. Compreender que a morte é um ato libertador.

Jesus quis nos libertar com amor e entrega. Ele venceu a morte e nós podemos nos preparar para ela compreendendo que um ciclo terreno termina e começa o tempo de graça ao lado de Deus. Vale a pena recordar sempre que a morte e ressurreição do Senhor nos permite compartilhar a vida eterna com Ele.

3. Entender que a morte não é um castigo, mas a entrada da vida eterna.

A morte entrou no mundo para purificar o pecado que herdamos dos nossos primeiros pais. Será o momento de prestar contas a Deus, que nos ama infinitamente.

Nossa esperança e alegria é Cristo, que nos salvou. A morte nos abrirá as portas para a felicidade sem fim.

4. Conservemos com amor a lembrança das pessoas queridas que partiram.

Ainda que não estejam fisicamente conosco, todos os seus ensinamentos e os momentos compartilhados continuam vivos em nossos corações. Honremos sempre sua memória como um tesouro precioso que nos acompanhará durante a vida inteira.

5. Acompanhar, aconselhar e ajudar os familiares dos que partiram.

Quando perdemos alguém, é comum nos refugiarmos na solidão, nas lágrimas, no silêncio, na depressão. Nossa tarefa cristã é acompanhar as pessoas que passam por isso, recordando tudo o que a pessoa falecida fez de bom ao longo de sua vida, e que sua morte não é um fim, mas uma continuidade no amor de Deus.

6. Buscar ajuda espiritual.

Quando a dor quer tomar conta de nós, é preciso evitar as depressões prolongadas. Se for muito difícil superar o luto, busquemos ajuda em um sacerdote ou diretor espiritual para recordar as razões da nossa esperança cristã.

7. Evitar falar de dinheiro e herança na fase de luto.

Tudo tem seu momento e é preciso evitar possíveis brigas familiares nas fases mais sensíveis e dolorosas. Busquemos, em primeiro lugar, as coisas do alto, não as coisas da terra.

8. Doar os pertences do falecido.

Doar os pertences (especialmente rou-



pas) da pessoa falecida é uma obra de caridade, uma maneira de viver as obras de misericórdia e prolongar o bem que a pessoa fez em vida. Além disso, o contato com os pertences de quem partiu pode prolongar nossa dor.

9. Evitar práticas supersticiosas ou espíricas para diminuir nossa dor.

Algumas empresas, visando lucro, oferecem rituais que não são compatíveis com a verdadeira vida cristã. E a tentação de recorrer a práticas do espiritismo para ter um suposto contato com o falecido também pode ser forte. Mas a dor não pode nos desviar da nossa fé, e nossa confiança deve estar sempre posta em Deus, em sua graça e em suas promessas.

10. Orar pelo eterno descanso de quem partiu.

Este é o maior ato de amor que podemos ter com nosso ente querido. Oferecer orações e missas pelos defuntos é algo que só nós podemos fazer. Estas orações nos confortarão e ajudarão os defuntos em seu caminho de purificação.

Autor desconhecido



ENCONTRINHO EXTRA EM BRASÍLIA



Minha esposa Aglésia e eu visitamos por 2 dias o casal amigo Antônio Evangelista e Aila em Brasília. Pretendíamos encontrar mais colegas e familiares do MFPC.

No domingo dia 13 de setembro o casal anfitrião convidou vários colegas para um

encontrinho, bate-papo e almoço em sua casa. Reunião gostosa de 6 padres e esposas.

Eis um exemplo e convite: que tais encontrinhos aconteçam pelo Brasil afora!

Gilberto (Giba) e Aglésia

ACORDE PARA VENCER

Se você não desistir, você tem 95% de chances de vencer. A vida é sobre ter METAS, viver DIFICULDADES e conseguir VITÓRIAS.
Você precisa vencer dificuldades pessoais para conseguir vitórias públicas.

O pensamento positivo logo de manhã é um estímulo que pode mudar o seu humor fortalecendo sua autoconfiança.

Com este pensamento positivo, você reunirá forças para vencer os obstáculos.

Não deixe, portanto, que nada afete seu espírito. Envolve-se pela música, ouça, cante e comece a sorrir mais cedo.

Ao invés de reclamar quando o relógio despertar, agradeça pela oportunidade de acordar mais um dia.

O bom humor é contagiante, espalhe-o. Fale de coisas boas! Evite lamentar-se.

Ajude as outras pessoas a perceberem o que há de bom dentro delas.

Não viva emoções mornas ou vazias. Cultive seu interior. Extraia o máximo de pequenas coisas.

Seja transparente e deixe que as pessoas saibam que você as estima e precisa delas.

Repense seus valores e se dê a chance de crescer e ser mais feliz.

Tudo que merecer ser feito, merece ser bem feito.

Torne suas obrigações atraentes, tenha garra e determinação.

Mude, opine, ame o que faz.

Não trabalhe só por dinheiro e sim pela satisfação da missão cumprida. Lembre-se de que nem todos têm as mesmas oportunidades.

Pense no melhor, trabalhe pelo melhor

e espere o melhor. Transforme seus movimentos em oportunidades.

Veja o lado positivo das coisas e assim tornará seu otimismo uma realidade.

Não inveje. Admire!!! Sinta entusiasmo com o sucesso alheio como se fosse o seu.

Idealize um modelo de competência e faça sua auto avaliação para saber o que lhe está faltando para chegar lá.

Ocupe seu tempo crescendo, desenvolvendo suas habilidades e seu talento. Só assim não terá tempo de criticar os outros.

Não acumule fracassos e sim experiências. Tire proveito dos seus problemas e não se deixe abater por eles.

Tenha fé e energia, acredite!!!.

Perdoe!! Seja grande para os aborrecimentos, pobre para a raiva e forte para vencer o medo.

Não viva só para o trabalho. O trabalho é uma das contribuições que damos à vida, mas não se deve jogar nele todas as nossas expectativas de realizações.

Finalmente, ria das coisas à sua volta, de seus problemas, de seus erros, ria da vida.

E ame, antes de tudo, a você mesmo!

Sorria!!! Pois começamos a ser felizes quando somos capazes de rir de nós mesmos!!!

www.planetamais.com.br

CORAÇÃO DE JESUS

O Coração humano é símbolo do Sentimento de Amor.

Que Amor?!... O amor de viver a vida com alegria...

O Amor na família, do pai, da mãe, do avô e da avó, dos esposos, dos filhos, dos irmãos e irmãs... O amor da misericórdia para ajudar os aflitos, os que sofrem, os desesperados...

O Amor para chorar com os que choram e alegrar-se com os que estão contentes...

O Amor partilhado com os que têm fome e sede de justiça...

O Coração é um modelo e um sistema de fechar válvula (sístole) e abrir



válvula (diástole) para distribuir os elementos químicos vitais para o viver a vida do organismo.

O Coração de Jesus é este modelo de amor na sua vida terrena. É tudo isso até quando a última gota de sangue e a última gota de água saem do seu Coração, aberto para

amar eternamente o Ser Humano.

Por isso a Teologia da devoção ao Sagrado Coração de Jesus é cultivada hoje até os confins da terra, e será amanhã, até o final dos séculos.

Clovis Antunes C. Albuquerque
c_antunes30@hotmail.com

EX-SACERDOTE ANGLICANO CASADO É ORDENADO

Vaughn Treco, marido, pai, avô de dois netos e ex-sacerdote anglicano, foi ordenado para o sacerdócio católicos no começo de maio com a aprovação do Papa Francisco.

A sua ordenação como padre católico casado é permitida como uma exceção ao que, em geral, se exige para o celibato.

Vaughn Treco serve dentro das fronteiras geográficas da Arquidiocese de St. Paul e Minneapolis.

Vaughn Treco, 52, foi ordenado para o sacerdócio católico em 3 de maio na Holy Family Church.

Bob Zyskowski

Catholic News Service, 08-05-2015



Humor No Convento ao lado da paróquia

A madre superiora chama as 100 freiras para um aviso importante. Com a cara marcada pela preocupação, ela diz:

- Ontem foi cometido um pecado aqui no convento.

99 freiras: Oh, não!

1 freira: hi hi hi!

- Madre Superiora: Hoje eu encontrei uma cueca.

99 freiras: Oh, não!

1 freira: hi hi hi!

- Madre Superiora: Eu também encontrei um preservativo.

99 freiras: Oh, não!

1 freira: hi hi hi!

- Madre Superiora: E foi usado!

99 freiras: Oh, não!

1 freira: hi hi hi!

- Madre Superiora: E tem um furo!

1 freira: Oh, não!

99 freiras: hi hi hi!

